

À venda na Livraria



**fato<sup>77</sup>**  
 e razão



Movimento Familiar Cristão

Outubro  
2011

# ato e razão

mento Familiar Cristão  
[www.mfc.org.br](http://www.mfc.org.br)

**Diretor Nacional**  
José Freitas  
Guardo Lange Filho  
Ricilda e Moisés Teixeira de Oliveira  
Lima e James Magalhães de Medeiros  
Izzenir Barroso Lopes

**Redação**  
João Borges  
Edson Bonfatti  
O Nascimento Ulysses  
Armando Freitas Schmitz  
José Maurício Guedes  
Carlos Torres Martins  
Hélio Amorim  
Oscarvo Homem de C. Campos  
de Santa Helena, 68  
Juiz de Fora-MG  
erazao@gmail.com

**Assinaturas**  
MFC  
Publicações MFC  
de Santa Helena, 68  
Juiz de Fora-MG  
3218-4239  
ria.mfc@gmail.com

**Layout e Impressão**

Box 440 galpão 7  
Juiz de Fora-MG  
38-1300  
digrafica.com.br

**Diagramação**  
Rogério - amarartesvisuais@gmail.com

restrita sem fins comerciais

Máfias, de ontem e de hoje . . . . .	5
<i>Hélio Amorim</i>	
A arte de ser casal . . . . .	7
<i>Deonira L. Viganó La Rosa</i>	
Pense nisto . . . . .	9
Qué é Globalização? . . . . .	10
As Diferenças entre Religião e Espiritualidade. . . . .	11
Às suas ordens, doutor Mercado! . . . . .	13
<i>Paulo Kliass</i>	
Como lido com as frustrações . . . . .	17
<i>Jorge La Rosa</i>	
Dia da Criança . . . . .	18
<i>Wilson Jacob Filho</i>	
Encontro com o crack . . . . .	21
<i>Pe. Alfredo J. Gonçalves</i>	
Usinas hidrelétricas na Amazônia . . . . .	23
<i>Telma D. Monteiro</i>	
Eu desconfio, tu desconfias . . . . .	27
<i>Rosely Sayão</i>	
Família formadora de pessoas (I) . . . . .	29
Família formadora de pessoas (II) . . . . .	32
<i>Hélio Amorim</i>	
Homossexualismo: Fundamentalismo de Batina . . . . .	34
<i>Benjamin Forcano</i>	
Nossos 122 anos de República . . . . .	38
<i>Itamar D. Bonfatti</i>	
O grito da Noruega . . . . .	43
<i>Marina Silva</i>	
O papel dos pais na Educação para sociedade do amanhã . . . . .	45
<i>Sinézio Galvão</i>	
Os fundamentos filosóficos e as implica- ções sociológicas do conceito de saúde - 50	
<i>Jorge Leão</i>	
Os ricos não sofrem nem falam . . . . .	52
<i>Clóvis Rossi</i>	
Reflexões sobre a Igreja . . . . .	54
<i>P. Henri Boulad, s.j.</i>	
Sim ao desarmamento . . . . .	59
Sinais dos Tempos . . . . .	61
<i>Dom Demétrio Valentini</i>	
Natal . . . . .	63
Crise terminal do capitalismo? . . . . .	64
<i>Leonardo Boff</i>	

# Audiovisuais em

O MFC e o Instituto da Família - INFa - oferecem programas  
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos

"Bate-papos" provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados:

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e Tvs comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos

Para encomendar  
Livraria MFC  
(32) 3211-1111  
livraria.mfc



DVD 1  
"Drogas: dependência e recuperação"  
"Drogas: mitos e preconceitos"  
"Violência na família"  
"Família na escola"  
"Diálogo & diálogo"  
"Violência e insegurança"  
"Separação e divórcio"



DVD 2  
"Drogas desafio para o educador"  
"Drogas: da negação à onipotência"  
"Crianças agressivas"  
"Aprendizagem bloqueada"  
"Motricidade oral"  
"A família moderna"  
"Sexualidade"

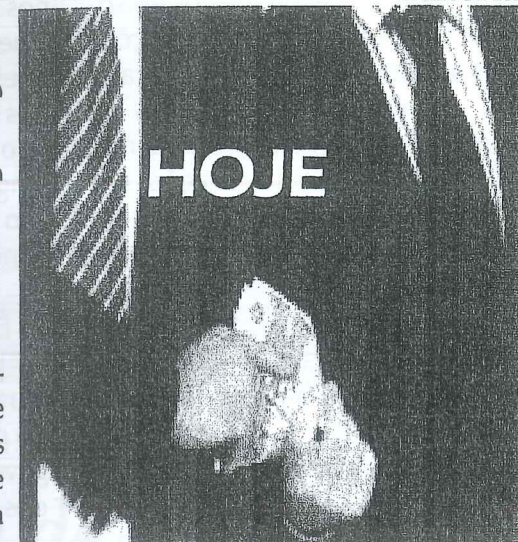


DVD 3  
"Violência urbana"  
"Insegurança e medo"  
"Idade e maturidade"  
"Ética - princípios que regem as relações humanas"  
"Ética na política"  
"Auto-estima sem narcisismo"  
"Casamento rompido"  
"Relacionamento conjugal e familiar"  
"Identidade e auto-realização"

## Máfias, de ontem e de hoje

Hélio Amorim\*

HOJE



O presidente segue destituído com a faxina que já levou a perder três e algumas dezenas de votos de alto escalão da casa. Parlamentares do governo se rebelam e farraca: não votamos nada nessa mania de limpeza não. Medo evidente dos respinsabão.

indo mais longe, vemos os os nas praças das cidades, do contra a corrupção generalizada. O motivo foi a prisão do líder popular, ativista político de 74 anos, por suas denúncias de corrupção no país, lançando a uma greve de fome.

China, o presidente afirma o curso que "a corrupção é uma ameaça de morte para o país". O Partido Comunista chinês acaba com a confiança dos dirigentes". Estimam-se bilhões de dólares. Mas o partido manda fechar o site de

um internauta que coletava denúncias de corrupção e já exibia 10 mil na primeira semana. Para um país que enforca os condenados por corrupção já se vê que a ameaça do castigo não barra a roubalheira.

Estes são exemplos que infestam as páginas dos jornais das últimas semanas.

Para a população passa a impressão de um quadro de corrupção generalizada no país e no mundo. Já temos avaliado, neste espaço, o potencial contagioso desse comportamento criminoso. A doença se alastra em nível epidêmico, de cima para baixo. Está configurada uma crise ética planetária, agravada por um conformismo histórico somente agora explodindo em praças do mundo.

Em nosso país, os cidadãos acompanham revoltados os episódios revelados por investigações competentes da Polícia Federal e dos agora mais ativos órgãos de controle do governo, mas ainda não se esboça uma reação nas ruas contra a lentidão das condenações. Batalhões de advogados bem remunerados com dinheiros roubados do povo por seus clientes, conseguem em poucas horas um refrescante habeas corpus, a que o ladrão de margarina do supermercado não tem acesso. Passos seguintes serão recursos, agravos, mandados de segurança e todo um extenso cardápio de medidas protelatórias de sentenças definitivas que as retardarão por muitos anos, com riscos de prescrição do crime.

#### Ambrosio de Milão (340-397)

*“A terra foi estabelecida em comum para todos, tanto ricos como pobres; por que então vos arrogais para vós só ricos, o direito de propriedade? A natureza não conhece ela nos gera todos pobres.”*

Sur Naboth, 1, 2, PL, 14, 731 C, em A-G. Hamman, Riches et paupers

*“O mundo foi criado para todos, e vós, que sois uma minoria, quereis a todo o custo reivindicá-lo para vós.”*

Sur Naboth, III, 11, PL, 14, 734 B, ibid., p. 224

*“Não é teu aquilo que distribuís ao pobre, estás apenas lhe restituindo o que é dele.*

*Porque foste tu que usurpaste aquilo que é dado a todos para o bem de todos. A terra pertence a todos, e não aos poucos.”*

Sur Naboth, XII, 53, PL, 14, 747 B, ibid., p. 252.

É hora de reformar os códigos de processo e penal, para aliviar o peso das teleiras dos tribunais e dos juízes. Essa agilidade é um sítio essencial da longevidade estéril dos processos são um evidente indicio de bandidagem.

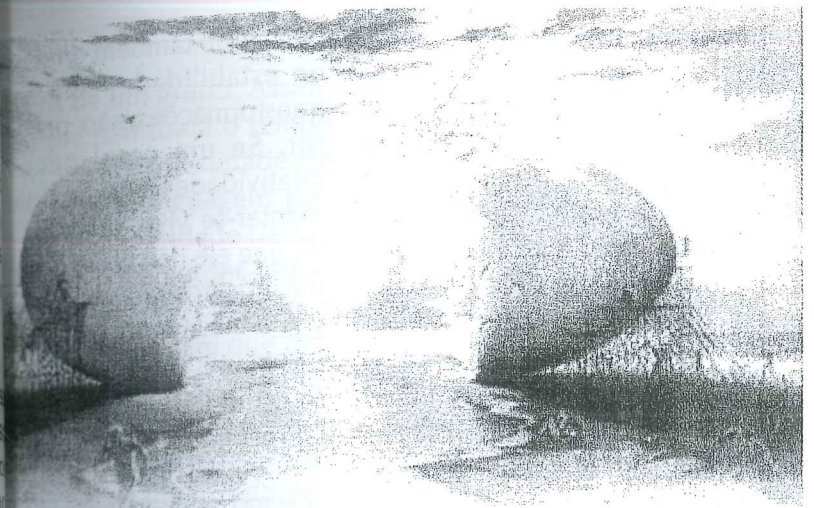
É urgente incluir esse tema na pauta do Congresso para sustar o assalto ao bolso do povo depositados no governo repetidamente dos por máfias.

E aumentar as vagas

\* Hélio Amorim Deonira L. Viganó La Rosa\*  
do MFC Movimento  
Cristão e Instituto

Contemplando pinturas de Salvador Dali, veiculadas pela internet, somos levados a pensar o quanto é fantástica a linha de um artista. Você precisa das vezes para perceber que transforma o sol em uma e ovo, as nuvens em um cascado, as pedras da calçada em asas de um pássaro, a folhagem de uma árvore outonal numa espessura, as asas da mariposa nas um moinho, a água do mar transparente véu que cobre a jovem ...

que é mais espetacular é sua de em integrar, de maneira ve, o que sente, o que ino que é real. Do ponto de



## A arte de ser casal

vista artístico, o criar é a fronteira tênue entre o sonho e a realidade. O artista vê aquilo que deseja, que sonha, e cria linguagem para expressá-lo, numa comunicação sem barreiras e sem preconceitos. Ele revela mundos próprios, impossíveis de serem imitados.

A arte, a criatividade e o amor

Passar da linguagem artística para a linguagem amorosa é fácil, já que existe uma forte relação entre a arte, a criatividade e o amor. O amor, como dizia Drummond, é inventivo e anula os postulados da lógica. No casamento, cada cônjuge se transforma em um artista.

A vida compartilhada, própria das pessoas que se amam, é construída mediante nova linguagem



É a melhor definição que já vi  
professores nunca ensinaram.

## QUE É GLOBALIZAÇÃO

SIMPLESMENTE FANTÁSTICA  
A DEFINIÇÃO.

**Pergunta:** Qual é a mais correta  
definição de Globalização?

**Resposta:** A Morte da Princesa  
Diana..

**Pergunta:** Por quê?

**Resposta:** Uma princesa inglesa  
com um namorado egípcio, tem um  
acidente de carro dentro de um túnel francês, num carro  
mão com motor holandês, conduzido por um belga, bêba  
escocês, que era seguido por paparazzis italianos, em moto  
princesa foi tratada por um médico canadense, que usou  
americanos. E isto é enviado a você por um brasileiro, usa  
americana (Bill Gates) e provavelmente, você está lendo isso  
putador genérico que usa chips feitos em Taiwan e um mo  
montado por trabalhadores de Bangladesh, numa fábrica  
transportado em caminhões conduzidos por indianos,  
indonésios, descarregados por pescadores sicilianos, reemp  
mexicanos e, finalmente, vendido a você por chineses, at  
conexão paraguaia.

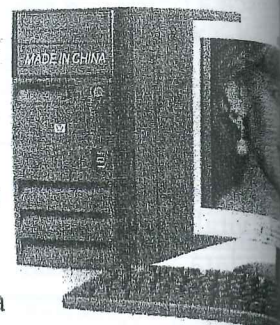
Isto é, GLOBALIZAÇÃO!!!

*"Mesmo que cinqüenta milhões de pessoas digam uma  
a bobagem continua sendo uma bobagem".*

Bertrand Russel

*"Quando as pessoas têm menos certeza são mais do"*

John K. Galbraith



## Diferenças entre Religião e Espiritualidade



o não é apenas uma,  
enas.  
ualidade é apenas uma.  
o é para os que dormem.  
ualidade é para os que  
spertos.

o é para aqueles que  
m que alguém lhes diga o  
querem ser guiados.  
ualidade é para os que  
atenção à sua Voz Interior.  
tem um conjunto de  
gmáticas.  
ualidade te convida a  
sobre tudo,  
nar tudo.

ameaça e amedronta.  
ualidade lhe dá  
or.  
fala de pecado e de

ualidade lhe diz:  
com o erro".

reprime tudo,

o.  
ualidade transcende tudo,  
dadeiro!

não é Deus.  
ualidade é  
rtanto é Deus.  
inventa.

A espiritualidade descobre.  
A religião não indaga nem  
questiona.  
A espiritualidade questiona tudo.

A religião é humana,  
é uma organização com regras.  
A espiritualidade é Divina,  
sem regras.  
A religião é causa de divisões.  
A espiritualidade é causa de  
União.

A religião lhe busca para que  
acredite.  
A espiritualidade você tem que  
buscá-la.  
A religião segue os preceitos de  
um livro sagrado.  
A espiritualidade busca o sagrado  
em todos os livros.  
A religião se alimenta do medo.  
A espiritualidade se alimenta na  
Confiança e na Fé.

A religião faz viver no pensamento.  
A espiritualidade faz Viver na Consciência.

A religião se ocupa com fazer.  
A espiritualidade se ocupa com Ser.  
A religião alimenta o ego.  
A espiritualidade nos faz Transcender.

A religião nos faz renunciar ao mundo.  
A espiritualidade nos faz viver em Deus, não renunciar a Ele.  
A religião é adoração.  
A espiritualidade é Meditação.

A religião sonha com a glória e com o paraíso.  
A espiritualidade nos faz viver a glória e o paraíso aqui e agora.

A religião vive no passado e no futuro.  
A espiritualidade vive no presente.

A religião enclausura nossa memória.  
A espiritualidade liberta nossa Consciência.  
A religião crê na vida eterna.  
A espiritualidade nos faz consciente da vida eterna.

*No que diz respeito ao empenho, ao compromisso, ao esforço e à dedicação não existe meio termo. Ou faz uma coisa bem feita ou não faz.*

Ayrton Senna

A religião promete para a morte.  
A espiritualidade é em Deus em Nosso Interior durante a vida.

Texto sem autor  
repassado pela Internet  
Nogueira da Silva, me  
ção pela Unicamp  
Universidade Federal  
que, em suas palavras, a

### QUESTÕES PARA

1ª) Exercitar a sua expressão "Religião" são "Materialidade" individualmente, ou entre os resultados de

2ª) Buscando realismo de VER, JULGAR, MUNDO, relacionamente, SAÚDE, EDUCAÇÃO, OLÊNCIA E OUTROS SOCIAIS com as diferenças. Religião e Espiritualidade das no texto

3ª) Que relação se pode estabelecer entre a religião e espiritualidade

## suas ordens, ô Mercado!

Paulo Kliass\*

uma das inúmeras lições que a atual crise econômica tem nos oferecer é a possibilidade de compreender um pouco dos mecanismos de funcionamento da economia capitalista em uma perspectiva de tão ampla e profunda racionalização financeira. Debaixada a poeira e dado o distanciamento temporal, a quantidade de teses que se desenvolvem para tentar explicar aquilo que estamos a quente pelos quatro cantos do planeta.

Alternativas de enfoque são a relação conflituosa entre os meios de produção e os meios de distribuição do capital produtivo e os meios de distribuição do produto financeiro *stricto sensu*. A questão - na verdade, uma quase ausência - do circuito monetário - do chamado lado financeiro da economia. A contradição entre o discurso liberal ortodoxo pelos dirigentes dos países e até anteontem e a prática das medidas protecionistas de defesa dos interesses nacionais.

A postura inequívoca e amplamente expandida de defesa das vontades das grandes instituições financeiras em primeiro lugar, sempre às custas de cortes nos gastos orçamentários na área social voltados à maioria da população de seus países. A dita solidez das estruturas do mercado financeiro, agora tão confiável quanto a de um castelo de cartas. A perda completa de credibilidade das instituições financeiras, a exemplo das chamadas agências de rating, que passam a escancarar a sua relação incestuosa com setores econômicos.

O fim do mito da chamada "independência" dos Bancos Centrais, cujas políticas monetárias estariam sendo implementadas de forma neutra e isenta, uma vez que baseadas em critérios técnicos e científicos (sic...) do conhecimento econômico acumulado. A falência das correntes que se apegavam às teorias chamadas da "racionalidade dos agentes" para buscar assegurar que não haveria o que temer com o funcionamento das livres forças de

mercado, pois o equilíbrio entre oferta e demanda sempre apontaria a solução mais racional possível. E por aí vai. A lista é quase infundável.

Mas um elemento, em especial, chama a atenção em meio a essa enormidade de aspectos. E trata-se de algo importante, pois diz respeito à tentativa de legitimação de toda e qualquer ação dos poderes públicos na busca da saída para a crise econômica. Com isso procura-se fugir da consequência mais próxima em caso de fracasso: colocar em risco a sua própria legitimidade política. Ainda que nos momentos de maior tensão' seja perceptível uma contradição entre os desejos dos representantes do capital financeiro e as possibilidades oferecidas pelos agentes do governo, no final quase tudo acaba se resolvendo no conluio entre o público e o privado. Nos bastidores do poder, a ação do Estado é ditada, via de regra, pelos interesses do capital.

Mas nas conjunturas de crise profunda, como a atual, passa a operar também a chamada opinião pública. Os temas de economia e de finanças, antes restrito às páginas dos jornais especializados, ganham as i manchetes de capa e se convertem em preocupação de amplos setores da sociedade. A população se assusta, exige mais explicações, quer entender melhor!

Porém, não se conseguem claros os mecanismos de funcionamento da dinâmica econômica em tão pouco tempo e em poucas linhas. E nesse momento a importância dos interrelacionados a explicar: os grandes bancos, os institutos financeiros, as empresas, as universidades pelas empresas, enfim os especialistas". Cabe a eles o convencimento do grande público de que a crise é causada por aquele fator, ou por aquelas medidas anunciadas por um determinado órgão. A Economia não é para resolver' os problemas se propõem.

E aqui entra em jogo, para convencer de que  
mento essencial na direção - expostas numa lin-  
curso. Uma entidade numa lógica incompreen-  
reverenciada em uma a maioria - são realmen-  
sa que era antes reárias. Sim, sim, é preciso  
platéia restrita. Trata-se fé! Pois em caso contrá-  
"mercado"- muito pro que nos espera é ainda  
grandes enigmas da que o péssimo do vivido  
manidade, tanto está o caos!  
tão pouco desvendado.

pectos essenciais, para tem acontecido na atuação como um ser humano, dívida norte-americana quase indivíduo. Isso, a existência dos diversos capitais, justificar a necessidade de crise dos países da União duras e difíceis a ser. O mercado "pensa", o sempre às custas de "avalia", o mercado "pro-favorecer uns bem", o mercado "desconfia", o re-se às opiniões de "sugere", o mercado "re-conheça, que assegure", o mercado "re-sim, de vez em ' quan-de voz sobe e o merca-



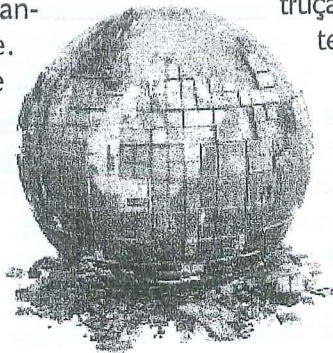
do "exige"! E depois o mercado "ameaça". O mercado "cai", o mercado "sobe", o mercado "se recompõe". O mercado "se sente inseguro", o mercado "fica satisfeito", o mercado "comemora". O mercado "não aceita" tal medida, o mercado "se rebela" contra tal decisão.

E assim, à força de repetir à exaustão essa fórmula aparentemente tão simples, o que se busca, na verdade, é fazer um movimento de aproximação. Tornar a convivência com um ser que conhece de forma tão profunda a dinâmica da economia um ato quase amical e familiar para cada um de nós. Mas o "mercado" - sujeito de tantos verbos de ação e de percepção - não tem nome! Ele não pode ser achado, pois o mercado não tem endereço. Ele não pode ser entrevistado, pois o mercado nunca comparece fisicamente nos compromissos. Ele tampouco pode ser fotografado, pois o mercado não tem rosto. O que há, de fato, são uns poucos indivíduos que fazem a transmissão de suas idéias, de seus pensamentos, de seus sentimentos. São verdadeiros profetas, que têm o poder de fazer a interlocução entre o "mercado" e o povo. Pois, não obstante a tentativa de tomá-la ínti-

ma de todos nós, essa entidade não se í revela para qualquer um.

Ele escolhe uns poucos iluminados para representá-lo aqui entre nós. Como se, estes sim, tivessem a procuração sagrada para falar em seu nome e representar aqui seus interesses. E aos poucos o que era antes um sujeito, o indivíduo "mercado" também vai ganhando ares de divindade. Tudo se passa como ele se manifestasse exclusivamente por meio de seus oráculos, os únicos capazes de captar e interpretar o desejo do deus mercado. Pois ele pensa, fala, acha, opina, mas não se apresenta para um aperto de mão, ou mesmo para uma prosinha que seja, para confirmar o que andam falando e fazendo em seu nome aqui pelos nossos lados.

Mas, apesar de toda evidente fragilidade da cena construída, não há como contestá-la. O mercado é legitimado por quem tem poder de legitimar. O discurso dos que não acreditam e dos que desconfiam não chega à maioria. Sim, pois aqui tampouco pode haver espaço para a dúvida. Nenhuma chance para o ato irresponsável que seria dar o espaço para o contraditório. A única certeza é de que o mercado sempre tem razão. E ponto final. Assim,



todos passam horas na agonia para saber como "reagirá" na abertura dos valores na manhã seguinte, tentar antecipar como "avaliará" hipotéticas reações para as transações na noite da véspera.

O resultado de tudo isso é uma construção simbólica, tectizada na conveniência e ideologias. Nós estamos aqui para chegar só meia hora mais tarde que deveria para a reunião: estavam visivelmente com o eu humilhado e desolado, o foi retardado, todos presentes.

mercado, um amigo muito íntimo, e não dessa proximidade física das confidências. Não é que na presença de pessoas ele as publicou! Foi doído, senti-me traído, aspectos íntimos em qualquer pudor, foram meus: minha vida tinha sido inteiramente devassada. Muito frustrado. Mas, como oportunidade, pessoa que tenho grande apreço, e qual convivi em ambiente íntimo, ofendeu-me gravemente depois de ter interpretado imediatamente um e-mail. Ao ler melhor o conteúdo, desculpas. Mas a ofensa já tinha sido perpetrada! E eu

\*Paulo Kliass é professor de Políticas Públicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Doutor em Sociologia.

Jorge La Rosa

## no lido com as frustrações

No cotidiano, todos sofremos pequenas frustrações. Mas o que é mesmo frustração? É o sentimento ou sensação que resulta de um objetivo não alcançado, de um desejo que não se realiza, de uma expectativa que não se concretiza. - Como reagimos diante delas? A reação é bom indicador de nosso desenvolvimento emocional, do equilíbrio de que gozamos.

### INFÂNCIA, FRUSTRAÇÃO E LIMITES

Pode haver pais que queiram evitar toda a sorte de sofrimento para seus filhos, que queiram fazer sempre suas vontades, atender seus caprichos. Os querem em uma redoma. Pais equivocados! Superprotetores! Estão preparando futuro penoso e frustrante para seus filhos.

Podemos dizer que não há vida sem sofrimento, nem existência sem frustração: os filhos estão sendo mal preparados, no caso acima descrito.

A criança precisa aprender que em todas as situações existem limites. Até no brinquedo. Há hora que é preciso interrompê-lo para tomar banho, alimentar-se ou fazer o tema de casa.

Os pais não podem renunciar à função de serem educadores. Ou estão renunciando à paternidade!

Educar, às vezes, é duro! Desgastante! Implica também em dizer não. É assim que o filho vai aprender, aos poucos, a reagir às frustrações: de um choro convulsivo no começo, chegará a aceitar, com o tempo, um não com tranquilidade: evoluiu emocionalmente; estará melhor equipado para defrontar-se com as pequenas frustrações do cotidiano, e com grandes perdas no futuro.

A maneira como reajo como adulto às frustrações está de alguma forma vinculada ao modo como meus pais me educaram na infância, em que aprendi ou não, e em que medida, que em todas as coisas e situações existem limites. Que precisam ser respeitados!

Isto constitui o *b-a-ba* do desenvolvimento emocional. Não admira, pois, que alguém ao se sentir frustrado quebre louças, atire cadeiras, dê murros na mesa, profira palavrões, ofenda a mãe do motorista: faz parte da síndrome da incapacidade de reagir adequadamente às frustrações.

## FRUSTRAÇÃO, AGRESSÃO E EDUCAÇÃO

Dollard e Miller, na primeira metade do século passado, escreveram livro para mostrar que frus-

tração está fortemente agressão. O indivíduo frustrado, tende a agredir. Quando se percebe isso que vem palavra dirigido a quem que cortou intempéstica frente de alguém; quando agredidos, o ímpeto ponderar na mesma maneira aqui, evidente frustração, mas com cortesia e bom tra-  
contrário.

# Dia da Criança

*Wilson Jacob Filho\**

Quando já fomos crianças. Muito parecidas entre si, se levamos em "nosso tempo" de

Wilson Jacob Filho\*

A educação, o processo de socialização e o conhecimento humano vieram opo

para mediar entre o animal e a natureza. Mas, porém, nos perguntava: "Cadê a criança que estava lá, aquela cheia de sonhos e desejos cognitivos através dos quais, que não parava nenhum o indivíduo sujeita-se a perguntar o tempo todo, "doma" o animal quando a lógica e a política na natureza existe. Afinal, somos seres sencientes de uma simplicidade mal, somos também

res espirituais. Somalmal O gato não comeu. A Deus, chamados a não morreu. Apenas dorme, imagem no cotidiano de você, de mim, de todos lacionamento com as vezes, permitimos que aco- a natureza e conosco, surpreendendo aqueles

é professor de equilíbrio.

douto

se incomode, pois, com uma vontade de brincar de desenhar, de querer ver desenho animado ou de se imaginar herói. A mente precisa, em outras palavras, de uma farta dose de imaginação para poder lidar com as demandas do cotidiano.

**QUESTÕES PARA  
E DEBATES:**

1ª) Como reações de se imaginar heróicas frustrações? deroso. A mente precisa, em

2ª) O que devo contar?

Dia da  
Criança



Lógico é que, a cada ação, devam-se estimar as possibilidades de risco, mas para isso existem aqueles que não estão envolvidos na mesma aventura.

"Parece criança!" é a frase que geralmente denuncia alguém atento para moderar as atitudes de quem se permitiu "viajar" em sua fantasia. Para tal, além de alimentá-la, temos que falar dela sem muitas restrições e ouvir quem dela fale sem demonstrar espanto ou contrariedade.

Freqüentemente sou procurado por filhos e netos que julgam que seus parentes idosos estejam apresentando um distúrbio de comportamento por estarem pensando em começar um novo negócio ou

treinando para uma competição esportiva. Não percebem que a necessidade de enfrentar um novo desafio ou de vivenciar uma experiência inédita alimenta nosso espírito empreendedor.

Em resumo, existe em cada um de nós a mesma curiosidade e o mesmo interesse que manifestamos quando demos os primeiros passos, fizemos as perguntas mais simples e vencemos nossos limites mais básicos. Isso se perpetua pela vida toda, e a necessidade de pertencer ao meio e desafiá-lo se mantém constante.

E quando, em convívio com aqueles que – por motivo de doença – chamam os netos pelos nomes dos filhos ou querem insistentemente voltar para casa, mesmo estando nela, saibamos ter a complacência necessária para permitir que possam mudar a realidade sem a necessidade de se enquadrarem na verdade absolu-



ta, mesmo porque es- mente, inexistente.

Se fomos capazes, brincar com nossos fi- tos, fazendo de um co- soura um cavalo impo- uma boneca a filhinha- sava ser amamentada- também de saber lidar- condição de realidade- manifesta pelo idoso- lembrarmos das brinc- outrora.

A criança que fomos- verá sempre no íntimo- Somos os únicos que- mostrá-la ou de mantê- da para sempre.

\* WILSON JA- professor da Faculdade- da USP e diretor- Geriatria do Hospital de

Transcrito da Folha

## contro m o crack



Pe. Alfredo J. Gonçalves \*

ão tenho nome, nem sobre- nome ou endereço. Sou- identificado pelo número- placa de um túmulo no ce- da Vila Formosa, zona leste- Paulo. Finalmente consegui- palmas de terra e o caixão!- aqui como um desconhe- elhor, um indigente, após ter- po virado, revirado e disse- dos peritos do Instituto Mé- gal (IML).

ôm não tenho idade nem- Em vida, insistiam em me- de Menor ou Menor Aban- Fazia parte de uma galera- trinta, entre meninos e me-

ninas, e nos escondíamos pelos be- cos escuros e pelos porões da cida- de. Nosso negócio era o crack. De manhã à noite era uma luta para conseguir uma pedra, por pequena que fosse. Não custava tanto como a cocaína, mas sem dinheiro não se podia comprar.

Pela necessidade da droga tive que entrar no crime. De primeiro, bastavam pequenos furtos: carteiras, bolsas, tênis, jaquetas... Depois, o corpo exigia mais droga e, esta, mais dinheiro; passei a servir a rede do Primeiro Comando da Capital (PCC): assaltos a pessoas, carros, bancos, cheguei a trocar alguns tiros. Mas aquela coisa dentro de mim apertava cada vez mais, parecia devorar tudo e todos. O corpo precisava de crack e o crack de grana.

Foi aí que o dono do pedaço, um tal de Pezão, me chamou e confiou para assaltos mais ousados e perigosos. Até que chegou o dia em que fui obrigado a atirar no segurança de um banco. Não tinha alternativa, ou ele ou eu! Disparei, vi ele retorcer-se e fugi. Só mais tarde, pela TV, fiquei sabendo que o tinha matado. Eu me convertera num assassino. A ordem do Pezão era para me esconder por um tempo, "até a poeira baixar e o sangue secar".

Pouco adiantou, a polícia descobriu logo o esconderijo. E aí

entrei num túnel frio e escuro: gritos, murros, pontapés, cacetadas, coronhadas, interrogatórios e mais interrogatórios... Medo, fome, sede, ódio, abandono... Até cair numa cela em que a gente mal podia se mexer de tão lotada. Tinha que fazer rodízio para dormir um pouco. Não sei como o pessoal da pesada me tirou de lá. Só sei que de novo estava na rua, de novo na rede do PCC como um inseto na teia de aranha.

Tive pouco tempo para pagar o preço de minha soltura. Numa batida da polícia, tentei escapar, mas levei a pior: dois tiros pelas costas. Entrei num outro túnel, igualmente frio e escuro, só que desta vez sem volta. E aqui estou, a sete palmos abaixo do chão. No enterro, nenhuma alma sequer; nenhuma flor sobre a terra fofa. Reza? Apenas uma praga de um dos coveiros!

Agora tenho toda a eternidade, tanto para o passado quanto como para o futuro. Lembro, por exemplo, o dia triste em que saímos de Catolé do Rocha, sertão da Paraíba. Pai, mãe, quatro irmãos, deixamos para trás um casebre de pau a pique, sem uma palavra, sem uma pessoa para dizer adeus. Rumamos para a rodoviária; de lá, para Campina Grande; depois, para São Paulo. Eu devia ter uns três ou quatro anos e, na época, me chamavam de Toninho.

Na capital paulista, às avessas. Compadrou-se que havia prometido acolher por um tempo num "puchado" de seu velho demorou a arrumar Mainha tentava fazer algumas casas. Mas o dinheiro curto. Sem o velho deu para quebrar as coisas lá em

Quando chegou o cola, aproveitei para esle inferno. Senti por Lucinda, mas não pod. Logo topei com outros minha idade, e assim vida de rua. Sempre para nos oferecer um buraco para nos escor. O mais difícil era o para as necessidades e banho quente.

A droga foi chegando. Cigarro, maconha, com o crack. Ficava uma boa de esquecimento. pegando, tomando a corpo. Quando me deitava tinha mais como voltei mudei para a cracolândia do lugar em que estou. Nos pudesse receber uma flor e uma reza de Mãe

\* Pe. Alfredo J. Assessor das Past

## Usinas hidrelétricas

## na Amazônia

Telma D. Monteiro \*

...ção dos direitos humanos. As hidrelétricas são empreendimentos que perpetuam os danos ambientais e sociais que serão mitigados. Gerar energia com grandes hidrelétricas tem sido ao longo da história uma forma de expropriação e privatização dos rios e de sua diversidade. No preço que se paga pela energia gerada com hidrelétricas não estão computados os custos ambientais e sociais. O Brasil tem ignorado sistematicamente a convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho que estabeleceu conceitos de consulta e de participação dos povos indígenas. O

direito inalienável de decidir sobre suas próprias prioridades de desenvolvimento na medida em que a implantação de hidrelétricas afeta suas vidas, crenças, instituições, valores espirituais e a própria terra que ocupam ou utilizam, tem sido violado.

O governo brasileiro planeja mega-projetos hidrelétricos nas porções da Amazônia brasileira, boliviana e peruana. Primeiro, estão previstos seis empreendimentos no Peru. Na verdade a proposta é construir 15 hidrelétricas na Cordilheira dos Andes. O tratado sobre a exploração da hidroenergia na Amazônia peruana foi assinado em Manaus, pelos presidentes Lula e Alan García.

No Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) 2 está prevista a

construção de 10 hidrelétricas<sup>[1]</sup> batizadas eufemisticamente de "usinas plataforma" e outras 44 à "moda antiga", totalizando R\$ 116 bilhões de investimentos. Antes do Peru, a biodiversidade do Estado do Pará será a grande vítima, pois é lá que se pretende construir sete dessas "usinas plataforma".

Como forma de facilitar a implantação desse descalabro a Agência Nacional de Águas (ANA), dá a sua contribuição. Quer emplacar um novo modelo de aproveitamento elétrico para os rios da Amazônia. Nesse novo modelo, num único leilão, o consórcio vencedor arremataria todos os aproveitamentos de uma bacia hidrográfica ou uma verdadeira "baciada" de hidrelétricas. Tudo em nome da celeridade do processo de licenciamento ambiental.

Para que se tenha idéia da determinação do governo em construir hidrelétricas, recentemente o Conselho Monetário Nacional (CMN) decidiu que parte dos empréstimos ampliados da linha de crédito do BNDES seja usada na compra de equipamentos para hidrelétricas. Esse "benefício" pretende agilizar as obras em andamento no rio Madeira e viabilizar Belo Monte e o Complexo do Tapajós.

Essa espécie de "vale tudo" para justificar um crescimento economi-

co perverso, tem foco no setor elétrico e, portanto, na construção pesada das grandes usinas. Aquelas, as mesmas de Odebrecht, Camargo Andrade Gutierrez, e todos os grandes empreiteiros brasileiros e que também são adjuvantes no acordo com o Peru.

Redução da espera por licenças ambientais e análise simplificada, chamado potencial hidrográficas tem como foco a redução do custo. Esse é, também, o objetivo da contratação de drenagem pública com juros subsidiados para as construtoras.

O efeito dominó da expansão de correr dessas agressões para a Amazônia não é novidade. A triste, emblemática história da construção do Madeira nos dá a dimensão. Antônio e Jirau, no rio Rondônia, têm sido pontos de referência de desrespeito ao trabalhador – denúncia de análogo ao escravidão – ambientais em terras transgressões dos direitos das comunidades tradicionais e do reassentadas; colapso de equipamentos públicos que não atender à população federal de Porto Velho.

no passado o Ministério Público Federal (MPF) fez recomendação ao governo sobre o PDEE 2008/2019. A Coordenadora da 4ª Câmara

estamos assistindo a uma verdadeira hecatombe social e ambiental que se propaga em ondas de destruição. O rio Madeira é o amanhã e o Tapajós depois amanhã.

## ANOS DECENAI DE EXPANSÃO DE ENERGIA

As usinas hidroelétricas estão aí. As usinas de Belo Monte e o projeto de Belo Monte são transformados em veículos do Plano de Aceleração do Desenvolvimento (PAC) 1 e 2. Esse governo quer emplacar mais oito no mínimo.

concepção e a coordenação do sistema energético no Brasil sob a responsabilidade do Ministério de Minas e Energia (MME) que é o Plano Decenal de Expansão de Energia (PDEE). O PDEE 2019 tem mais de 800 páginas e prevêem um dispêndio de um trilhão de Reais.

definição de um cenário de demanda, o governo partiu de premissas mirabolantes de consumo em exercício de futurologia. É um verdadeiro festival de variáveis que indicam uma relação anódina entre a expansão da demanda e a oferta.

no passado o Ministério Público Federal (MPF) fez recomendação ao governo sobre o PDEE 2008/2019. A Coordenadora da 4ª Câmara

ra de Revisão -Meio Ambiente e Patrimônio Natural, Sandra Cureau e a Coordenadora da 6ª Câmara de Revisão- Índios e Minorias, Deborah Duprat, atendeu às diversas manifestações de ONGs e movimentos sociais, e entendeu a necessidade de fazer Audiência Pública de discussão do conteúdo do PDEE.

A história se repete neste novo PDEE. O documento que está disponível para consulta pública no site da EPE também é macarrônico, repetitivo e autoritário. As contribuições para a elaboração vieram novamente apenas das empresas interessadas do setor e desconsiderou o restante da sociedade.

Persistem as incertezas e as dúvidas sobre a real necessidade de gerar energia na Amazônia para suprir a demanda criada e induzida pelos planos do governo federal. É patente o trato insipiente e a falta de incentivos para explorar outras fontes alternativas de geração. Sem contar que mega-usinas requerem complexos sistemas de transmissão para levar a energia gerada de norte para sul, de oeste para leste sem considerar a possibilidade de geração sustentável local e regional.

Continua a falácia do governo para endeusar a hidroeletricidade transformando-a em salvadora do risco do apagão. O Presidente da EPE,

Mauricio Tolmasquim, mostra índices crescentes de demanda, mas desconsidera incríveis 20% de perdas de energia que ocorrem no sistema de transmissão.

As organizações da sociedade civil têm chamado a atenção para a falta de abrangência ambiental característica dos sucessivos planos decenais de expansão de energia elétrica. A variável ambiental, quando apresentada, é míope e expõe o planejamento que não incorpora os custos ambientais aos custos de geração. Recentemente o Tribunal de Contas da União (TCU) analisou o processo de licitação de Belo Monte e apontou a falta de detalhamento nas contas dos estudos de viabilidade econômica.

## Projeto de lei inclui corrupção no rol dos crimes hediondos

### PLS - PROJETO DE LEI DO SENADO, Nº 204 de 2011

Utilidade Pública	Autor:	SENADOR - Pedro Taques
	Ementa:	Adiciona o inciso VIII no art. 1º na Lei nº 8.072 de 1990 (Lei dos crimes hediondos) para prever os delitos de concussão, corrupção passiva e corrupção ativa como crimes hediondos e aumenta a pena dos delitos previstos nos arts. 317 e 333 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.
	Explicação da ementa:	Inserir o inciso VIII no art. 1º da Lei nº 8.072/90 (Lei dos crimes hediondos) para estabelecer como crimes hediondos a concussão, a corrupção passiva e a corrupção ativa; Altera o Código Penal (arts. 316, 317 e 333) para aumentar a pena dos delitos previstos para os referidos crimes, passando a ser de 4 anos.
	Assunto:	Jurídico - Direito penal e processual penal
	Data:	28/04/2011
	Local: S/atual:	06/05/2011 - Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania Aguardando designação do relator

Vamos convocar os amigos internautas para uma avalanche a favor da inclusão da corrupção como crime hediondo. Acesse [ww.senado.gov.br/noticias/pesquisa](http://ww.senado.gov.br/noticias/pesquisa) e participe da votação. A enquete está na barra do lado direito.

A política energética brasileira se sabe, continua tendo caráter ofertista. Os programas têm o destino da energia sendo um plano nacional de desenvolvimento sustentável. A energia refém de setores que consomem muita energia. Os danos são irreversíveis e não são reversíveis. Teremos que assimilar essas muitas gerações.

\* Telma D. Monteiro é Coordenadora de Energia e Infra-Estrutura da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé, Porto Alegre.

[1] Para saber mais sobre o assunto, visite o site [www.ambienteenergia.org.br/index.php/tag/energia](http://www.ambienteenergia.org.br/index.php/tag/energia).

## Desconfio, tu não desconfias

Rosely Sayão \*

Se a vida é esta, se estamos sempre prontos a pensar que o outro vai aí para nos prejudicar?



É uma época em que vivemos tem uma característica que afeta profundamente as relações interpessoais e, portanto, a vida em sociedade: a desconfiança, que criamos em relação ao outro.

Um trecho da letra de uma música expressou um sentimento que surge desde a década de 1960: "Não confie em ninguém com mais de 30 anos".

Então, ficamos apenas com a primeira parte da frase: "Não confie em ninguém".

Isso já começa com as crianças. Quando a garota chegou da escola e contou para a mãe que não estava se sentindo bem. Naquele dia, tivera aula de educação física que foi realizada ao sol. A mãe preocupou-se, pelo calor e a umidade do ar estar muito quente. Então escreveu ao professor, dizendo sobre sua preocupação.

Esse fato tão simples transformou-se em uma grande encenação que o professor acusou a aluna de ter feito.

Na de ter, ela própria, escrito a carta com o intuito de livrar-se das aulas de educação física.

A mãe teve de ir à escola para autenticar sua carta. Como fica a relação dessa aluna com a escola, sabendo que seus atos são encarados com tamanha desconfiança?

Nas escolas, ocorrem pequenos furtos diariamente. E esse fenômeno não é típico das escolas públicas, caro leitor. Nas escolas privadas, em que os alunos são de classe média alta, o fato ocorre regularmente.

Algumas instituições adotaram uma prática quando desaparece algum objeto de alunos em sala de aula: revistar as mochilas e malas deles.

Nem vou tratar aqui da ação policial da escola, em vez de educativa. De novo, é a desconfiança que impera nas relações da escola com seus alunos.

E o que falar do que ocorre no mundo corporativo? Em muitos hospitais, empresas de todo tipo e porte, casas comerciais etc., agora virou rotina a prática de revistar, na hora da saída, bolsas e pastas de funcionários.

E o que é ainda pior: todos se sujeitam a essa absurda invasão de privacidade, provocada pela desconfiança de todos.

Nesse caso, por se tratar de adultos, o fato é grave. A empresa não tem ideia dos sentimentos que isso gera e, mais cedo ou mais tarde, arcará com consequências de sua decisão.

Os funcionários, por sua vez, ao se colocarem nessa situação humilhante, são tomados por emoções nem sempre reconhecidas, que podem provocar reações dos mais diversos tipos no exercício profissional.

Uma enfermeira que trabalha em um hospital em São Paulo tido como de primeira linha disse que, todos os dias, quando passa por essa situação, fica revoltada. A empresa não revista os médicos. "Então, há profissionais que estão acima de qualquer suspeita?" pergunta ela. O segundo motivo da sua revolta é que ela considera sua bolsa seu espaço mais íntimo, quando não está em casa. Isso significa ter de escancarar sua intimidade para estranhos. Há alguma coisa pior do que isso?



Precisamos dos outros para vivermos com os outros, com os amigos e estranhos, boa parte da vida: no trabalho, nos espaços públicos das cidades, no transporte coletivo etc. A vida de vida é essa, se estamos prontos a pensar que o outro não pode nos prejudicar?

Nós temos pouco a oferecer para mudar este mundo. Os outros farão isso. Mas bem que poderíamos contar com nossa colaboração: a de mostrar que o outro faz parte de nós e que temos com ele uma relação interdependente.

Por isso, melhor ter a consciência do que desconhecemos. Só assim o clima pode melhorar.

\* Rosely Sayão é psicóloga de "Como Educar os Filhos".

Transcrito do Caderno de Folhas

Formar pessoas é um processo permanente que se realiza na convivência e na comunicação interpessoal entre os mais próximos, e se complementa por relações sociais ampliadas, especialmente através da escola, da leitura, da participação em estruturas sociais e em meios de comunicação social e da participação em estruturas sociais e eclesiais intermediárias.

A convivência e a comunicação entre as pessoas mais próximas, entre as quais os laços de afeto e confiança, são os fatores decisivos para o desenvolvimento da personalidade. O exemplo de vida, os princípios éticos que orientam os comportamentos dos que convivem mais de perto, no cotidiano, são marcantes na formação das pessoas, no interior ou fora do ambiente familiar. Mas a família deveria ser, o lugar privilegiado para essa convivência humanizadora.

## Família formadora de pessoas (I)

Helio Amorim

A função de formar pessoas, na família, não é uma atribuição exclusiva dos pais em relação aos filhos. Tem mão dupla ou múltipla. É um processo permanente que envolve todos os membros da família: não só os filhos, mas os pais e os avós. Os membros da família vão amadurecendo sua própria personalidade e seus múltiplos aspectos sociais, emocionais, sentimentais, intelectuais. Esse movimento ocorre no cotidiano, ora de forma pacífica, ora conflituosa, com seus filhos que deles absorvem e assimilam experiências e conhecimentos, devolvendo-os freqüentemente como questionamentos vivos às convicções dos pais.

A formação da pessoa, trata-se de apoiar o desenvolvimento

dos impulsos que Deus colocou em cada ser humano, orientando-os para uma verdadeira humanização, contribuindo para que não sejam sufocados, exacerbados ou desviados dessa direção humanizadora. O primeiro, o impulso de viver, de buscar uma apreciável qualidade de vida, é frequentemente sufocado pela situação de pobreza e de miséria, problemas sociais graves, cuja



solução escapa das possibilidades da família, isoladamente.

Mas vemos, também, a exacerbação desse impulso nas famílias das classes médias que, bombardeadas pela propaganda, incapazes de estabelecer limites, induzem seus membros a uma busca desenfreada de posse de bens materiais, consumo e prazer, e até a péssimos hábitos de alimentação e lazer, como respostas equivocadas ao anseio por crescente qualidade de vida. As consequências costumam ser a insatisfação crônica, a angústia própria da busca de maiores rendimentos para sustentar o padrão desregrado de consumo. Também são consequências o aumento da carga de trabalho, a perda de capacidade de ajuda aos que vivem em condições de pobreza e miséria, o desenvolvimento de uma mentalidade hedonista e consumista desumanizadora. Até surgirão muitas vezes problemas de saúde e de desenvolvimento físico e mental.

Não se pretende que a família bloqueie, e sim, ao contrário, valorize em seus membros a busca saudável de qualidade de vida, de alegria e prazer. Mas que exercite uma saudável austeridade nessa busca, desmistificando as mensagens que a identificam com a posse e consumo desmedido de bens materiais e formas frustrantes de prazer efêmero e desgastante, dentre as quais a sem-

pre presente ameaça do uso de drogas. Para as famílias das classes menos favorecidas, pode falar em qualidade de vida quando o desafio é a sobrevivência biológica, na luta contra a doença, por teto para morar e para cultivar.

Na formação da personalidade de socialização encontra-se um cenário privilegiado de convivência, quando a família dispõe de uma moradia adequada e privacidade para criar condições favoráveis ao relacionamento interpessoal profundo e humanizado.

Grande número de famílias não desfruta desse privilégio. Mesmo naquelas famílias que vivem nessas condições físicas, as relações intrafamiliares tendem a ser desgastantes e a não oferecer a possibilidade de um encontro verdadeiro entre pessoas.

O principal obstáculo ao encontro interpessoal humano é estarem todos, frequentemente presos a papéis e funções que impedem a capacidade de serem simplesmente pessoas. Fixar-se nos papéis, pai, mãe, marido, esposa, e suas respectivas funções, exercidas vinte e quatro horas por dia, é fatal para uma verdadeira socialização que só se realiza

de pessoas, sem suas máscaras funcionais. Há momentos para outras. Mas estas devem prevalecer sobre aquelas, na família. Exemplos de papéis mal formulados são especialmente desastrosos. O autoritário que, em nosso tempo, ainda machista, se assume como chefe da família, ou cabeça do lar, não tem condições de estabelecer com a esposa e filhos uma verdadeira relação interpessoal. A mudança de uma relação de autoridade e serviço para uma relação de responsabilidade pelos problemas familiares e pelo relacionamento interpessoal, acaba por se anular a pessoa e não será capaz de estabelecer um verdadeiro encontro interpessoal com as próprias pessoas que pretende servir. O filho educado para ser dependente das ordens e das atitudes de seus pais, sem outras possibilidades familiares senão a obediência às regras próprias do seu grupo, não aprenderá a relacionar-se com a pessoa, nem mesmo com os pais e irmãos.

cia, o perdão e os conselhos pedidos e oferecidos. Também a acolhida respeitosa à idéia diferente e à proposta inesperada, o risco aceito com aflição, em suma, tudo o que nos revela como pessoas e não personagens de uma coreografia mal encenada.

O desenvolvimento de uma afetividade madura passa por essa forma de relacionamento interpessoal profundo, seja entre os esposos, seja entre pais e filhos e demais membros da família. Nas famílias regidas por um casal, o seu relacionamento afetivo, vivenciado de forma transparente, com suas representações simbólicas habituais, é uma resposta visível ao impulso para o encontro homem-mulher, já então vivenciado. Mas é, ao mesmo tempo, estímulo para o desenvolvimento harmonioso e humanizador desse mesmo impulso nos seus filhos e filhas, como elemento essencial na sua formação como pessoas.

Nas classes sociais despossuídas, a falta de moradia digna desse nome, a desestruturação dolorosa e a instabilidade familiar muitas vezes imposta pela miséria, desemprego habitual, mobilidade geográfica em busca de trabalho e tantas outras dificuldades, essa função de socialização fica duramente prejudicada.

Extraído de "Descomplicando a fé".  
Editora Paulus.

Na formação da pessoa, trata-se de apoiar o desenvolvimento dos im-  
Deus colocou em cada ser humano, orientando-os para uma ver-  
humanização, contribuindo para que não sejam sufocados, exacer-  
desviados dessa direção humanizadora (Final).

## Família formadora de pessoas

Helio Amorim

A formação de pessoas também supõe responder ao impulso de construção de uma identidade. Os adultos da família certamente já a construíram. Os filhos são identidades que se constroem, e que se pretendem originais e inconfundíveis, jamais cópias de outros, sejam pais, parentes, amigos ou ídolos esportivos e artísticos. Menos ainda estereótipos desenhados pela mídia.

Cabe à família incentivar essa construção e não dificultá-la. Esse processo é acidentado, com frequentes manifestações de auto-afirmação, comportamentos extravagantes e caprichos adolescentes. A crítica inteligente e oportuna dos pais ajudará nas correções espontâneas de órbita, atitude bem diferente das usuais tentativas de moldar identidades, colocando-as em formas que as desfigurariam.

O mesmo ocorre com o impulso de autorrealização pessoal. Vale insistir nesta advertência: a família muitas vezes tenta, felizmente sem muito resultado, modelar a perso-

nalidade dos filhos e filhos, do suas próprias idealiza- trações, pretendendo que que não puderam ser se-

Ou então, presos a matismo arriscado, dese- realização de vocações para evitar que escolham ou estilos de vida que rem êxito econômico e cial. Não percebem que ção é algo profundo de manipulado. Quantos as, missionários ou po- sidos sufocados antes de para a sociedade. Quan- nheiros, médicos ou ad- sentem infelizes e frustra- profissão a que foram in- pressão de seus pais, equi- desrespeitosa, ainda que- cionada.

Por outro lado e infel- maioria das famílias, ho- condições de oferec- membros oportunidades respostas aos impulsos que Ele realizar a sua vocação. No colocou no mais profundo pela sobrevivência, todo- dos a ingressar bem cedo do que isto, tal imagem e se- cado de trabalho despensa, lhes confere tamanha ade que torna intoleráveis to-

das as formas de desrespeito, domi- nação e manipulação de pessoas, como as que podem surgir até mes- mo nas relações familiares.

Também neste campo surgem desvios e obstáculos, próprios do modelo de sociedade materialista que tenta sufocar esse impulso humanizador. Por outro lado, a falta de formação dos pais e demais adultos da família a deixa vulnerável às crendices e superstições que falsificam esse impulso. Se isto acontece, as respostas acabam se desviando para búzios, tarôs, horóscopos ou descambam para o fanatismo religioso alienante, característico de alguns grupos em preocupante expansão.

Vemos assim, como é complexo, para a família, ser formadora de pessoas. Mas tantas considerações sobre essa exigente função da família, não nos devem levar a idealizar e reclamar um modelo de família perfeita, capaz de jamais falhar na rotina do seu dia-a-dia. Servem, sim, para vencer algumas omissões evitáveis, certa preguiça que às vezes nos assalta, ou mesmo o desconhecimento de ser esta uma função familiar essencial que não deveria ser preguiçosamente transferida à Igreja, à escola ou à sociedade, como frequentemente sucede.

Extraído de "Descomplicando a fé".  
Editora Paulus.

# Homossexualismo: Fundamentalismo de Ba

Benjamin Forcano\*

São muitas as questões humanas sobre as quais a Igreja não tem mais competência do que aquela derivada do âmbito das ciências e da ética naturais. Os teólogos reconhecem que a homossexualidade é uma delas: "a homossexualidade é um problema humano, que deve ser resolvido de forma humana. Não há normas especificamente humanas para julgar a homossexualidade" (Edward Shillebeeckx). Além disso, a revelação divina encontra sua máxima expressão em Jesus de Nazaré, que acolheu, reinterpretou e transformou radicalmente a revelação do Antigo Testamento.

Mas há pessoas que, incorretamente, fazem uma leitura fundamentalista da Bíblia. Ela consiste, por exemplo, em dizer que a sexualidade, segundo prescrição do Levítico (18,22), é uma abominação. Seguir ao pé da letra essa prescrição pressupõe que é revelação direta de Deus e é preciso obedecê-la incondicionalmente. Qualquer cristão medianamente instruído sabe

que o que está escrito no Antigo Testamento é de Deus, mas é produto da mediação histórica e humana da palavra de homem. A interpretação fundamentalista nos leva a que se pode vender a própria alma e ter escravos de países estrangeiros, mas não é permitido cortar o cabelo cortado no altar com o cabelo cortado no templo, nem comer mariscos, nem car a pele de um porco. Todas as coisas estão proibidas no Antigo Testamento, e os que não as observam deveriam sofrer castigos de morte.

A qualificação da homossexualidade como abominação é de uma hermenêutica marginal e deslocada. A Bíblia não trata a orientação homossexual como pecado sagrado, intocável, par

direto de Deus. A Bíblia não é um decreto, não é algo caído do céu, mas um instrumento que ajuda a entender a vontade de divina tal como ela é percebida a partir dos condicionamentos culturais, irremediavelmente limitados, daquele tempo e sociedade.

São muitos os que se escudam na Bíblia para se esquivar de sua responsabilidade e esquecer preceitos fundamentais próprios. Quantos escribas, fariseus, juristas e especialistas de hoje perguntam a Jesus, para colocá-lo à prova: "O que devo fazer para herdar a vida eterna?". Todos sabem de cor o mandamento principal. Jesus os faz recitá-lo. Mas replicam: "E quem é meu próximo?". No fim da ceia, Jesus pergunta: "Qual dos três se fez próximo do que caiu na mão dos bandidos?". O letrado responde: "O que teve compaixão dele". Jesus diz: "Pois anda, faz tu o mesmo". (Lc 10, 25-37). Demolidor! O único que interpreta bem a lei é o samaritano, desconhecedor da lei, pagão e herege: opta pelo pobre, sem piedade do necessitado.

Um texto muito citado, referente à homossexualidade, é o de Sodoma (Gn 19, 1-29), usado para desqualificar aqueles que possuem orientação homossexual. Estudos recentes mostram que esse texto não se refere à homossexualidade, mas sim à falta de hospitalidade. Ele

se converteu, paradoxalmente e contra seu sentido original, para proscrever e exilar de nossa sociedade os homossexuais. Não é de estranhar que Jesus chame de bem-aventurado o que acolhe o forasteiro: "Era emigrante e me acolhestes", era homossexual (excluído) e me aceitastes.

A Bíblia, obviamente, implica determinada visão cultural da homossexualidade apoiada em pressupostos antropológicos hoje superados. Muitas coisas mudaram sobre a sexualidade humana. A Igreja, cuja missão não é outra senão a de Jesus, tem no Evangelho alguns critérios que deveriam regular a conduta humana com respeito à sexualidade:

1. Jesus não marginaliza nem discrimina ninguém;
2. Jesus se mostra profundamente misericordioso;
3. Jesus relativiza a Lei. Seus inimigos foram precisamente os que utilizavam a religião para discriminar e marginalizar.

Posto isto, leia-se a Instrução sobre os homossexuais aprovada pelo Papa em 31 de agosto e tornada pública em 29 de novembro: "Com respeito aos atos homossexuais, o Magistério ensina que são apresentados como pecados graves na escritura. A Tradição sempre os considerou intrinsecamente imorais e contrários à lei natural. Por

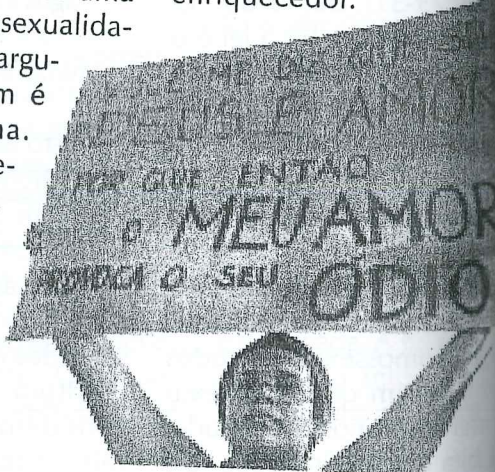
conseqüência, não podem nunca ser aprovados. No que diz respeito às tendências homossexuais profundamente arraigadas, são também objetivamente desordenadas. Não se pode admitir, portanto, nos seminários nem nas Ordens sagradas aquelas pessoas que praticam o homossexualismo, apresentam tendências homossexuais profundamente arraigadas ou apóiam a chamada cultura gay. Essas pessoas se encontram numa situação que prejudica gravemente um correto relacionamento entre homens e mulheres".

Estamos diante do cerne do problema. O Concílio Vaticano II exorta para um maior entendimento das Escrituras e um estudo delas com os instrumentos oportunos. Qual exegeta moderno admitiria como válida a interpretação fundamentalista que se faz sobre a homossexualidade na Instrução? A hermenêutica moderna está longe de ver nos textos bíblicos uma condenação da homossexualidade. A Bíblia não leva a argumentos para isso, nem é coisa que se proponha. Então, não resta outro recurso senão chegar a ela, pela via da ciência, da ética, da filosofia ou das disciplinas humanas pertinentes. Isso quer dizer que, como católicos, não podemos acrescentar nada

de específico a um problema que deve ser analisado da perspectiva das ciências humanas.

Isto significa que, católicos, pode-se manter uma posição da que proclama oficialmente a hierarquia, pois a doutrina da homossexualidade não faz parte do repositório imutável da fé. Se a homossexualidade tem algo de constitutivo, que possui a pessoa, não obriga a agir de acordo com a moral, por que não consideramos a homossexualidade como outra maneira de viver a sexualidade e não desviada?

Se é assim, seria preciso então por que os homossexuais não são imorais, por que não podem ser tratados com normalidade na Igreja, por que se decide agora excluir o sacerdócio presbiteral. Uma Igreja e, sobretudo, com o espírito do Evangelho. Quando a hierarquia da Igreja é admitir a homossexualidade sexual como um valor enriquecedor.



As pessoas homossexuais têm o direito, como todas as outras, de se relacionar com Deus, receber oportunidades de seguir Jesus e ser testemunhas Dele no mundo. É na base das comunidades que se deve ir criando um novo tipo de experiência de inclusão.

Os católicos podem ter claro que, partindo de uma corrente doutrinária sólida, não há razões para discriminar e depreciar os homossexuais. O primeiro porque a Igreja não tem obrigação de ser em si, e sim no Reino de Deus, ao qual deve acolher, viver e anunciar, como fez Jesus.

Segundo, muitas vezes a hierarquia chega a se acreditar depositária direta do Evangelho e absolutiza os ensinamentos sem confrontá-los devidamente com o sentir da Igreja e, sobretudo, com o espírito do Evangelho. Quando a hierarquia falha, é preciso mostrar-lhe que sua obediência ao Evangelho é sua norma fundamental, a correção e a profecia são um dever: "Ainda em

nossos dias, é grande a distância entre a mensagem que a Igreja prega e a humana debilidade daqueles a quem confia o Evangelho. Devemos estar conscientes desses defeitos e combatê-los valentemente para não prejudicar sua difusão" (Concílio Vaticano II: Gaudium et Spes, 43).

*\*Benjamin Forcano é teólogo moralista e sacerdote.*

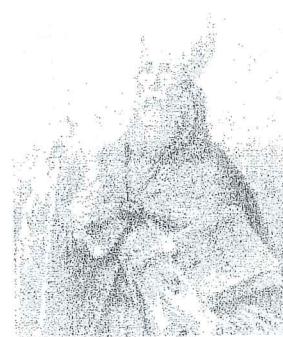
### QUESTÕES PARA REFLETIR:

- 1ª) Que relação pode ser estabelecida entre "A homossexualidade, problema humano que deve ser resolvido de forma humana"; a religião e a espiritualidade?
- 2ª) Qual deve ser o comportamento do ser humano sobre a homossexualidade, levando-se em conta a vida em Igreja Doméstica, comprometida com a construção da verdade, da justiça e da paz?
- 3ª) Que relações podem ser estabelecidas entre homossexualidade, religião e espiritualidade?

*"Hoje vale a pena ser honesto.  
A concorrência é menor".*

*"O dom da fala foi concedido aos homens não para que eles enganassem uns aos outros, mas sim para que expressassem seus pensamentos uns aos outros."*

Santo Agostinho



# Nossos 122 anos de República

Itamar D. Bonfatti

Nossa REPÚBLICA foi implantada dentro dos modelos, norte-americano (1776) e francês (1789). Naquela madrugada de 15 novembro de 1889 implodiu no País uma estranha união que acontecia entre ALTAR-TRONO tão típica de séculos atrás, em outras palavras do dia hoje, rompidada estava então a união IGREJA-ESTADO. Foi uma ligação aquela cheia de azinhavre, que perdurou do regime colonial ao regime monárquico! Justo lembrar que havia em alguns setores do clero, de então, um certo desconforto frente àquela ligação já considerada pelos mesmos como espúria.

A inquietação vinha de longe! Sempre bom citar o exemplo mais conhecido – embora historicamente mais remoto – do fr. Joaquim do Amor Divino Rabelo, o nosso memorável fr. Caneca, que antes mesmo de 1822 aderira ao MOVIMENTO REPUBLICANO de PERNAMBUCO (1817). Nele defendia nossa separação de Portugal, a queda entre nós do celibato compulsório para o clero (!) como idealizava também uma Igreja com um perfil mais brasileiro assim como endossava a ra-



dical separação Igreja-Coroa iria acontecer somente décadas após sua morte. Não por acaso por suas idéias inadmissíveis no contexto de Brasil – foi fuzilado no dia 13 de janeiro de 1825.

Com a separação inicialmente citada, a SOCIEDADE BRASILEIRA deixou a sua formação NOBRESA-CLERO-MILITAR passando a organizar-se em sociedade. Daí que nela, com a Lei 119-A de 7.01.1890, suspensos foram privilégios conferidos aos nobres e ao clero inicialmente assim entre o Governo Provisório e os adversários dos

republicanos... um jogo de caneladas, aliás interrompido somente nos últimos anos 20.

Sem entrar nas questões econômicas que passaram a exigir na época um País mais moderno para entrar no século novo que se avizinhava – acrescentar o fato da Marinha e Exército mais estruturados e organizados, exigindo modernização, sobretudo depois da Guerra do Paraguai – paralelamente começou a acontecer um tempo de conflitos ideológicos e de interesses entre os que haviam perdidos regalias e os ideais da República impregnado pelo Positivismo, aliás uma filosofia totalmente anticlerical.

Bom lembrar fatos estranhos da época monárquica, estranhos se não lidas, claro, à luz do hoje como exige nosso PROFETISMO. Foi um tempo aquele quando o Imperador interferia na nomeação de Bispos e seu jamegão principesco endossava também criação de Paróquias e Dioceses. Em nosso País, não eram permitidos colégios que não fossem católicos e se alguém desejasse participar de concorrência oficial ou assumir um cargo público era necessário ser católico. O rótulo de "católico" era exigência legal também para alguém se candidatar a cargos eletivos! Tem mais: o clero era funcionário da Coroa, os Bispos gozavam de imunidades, as paróquias e seminários eram manti-

dos pelo erário público e a mesma Coroa nomeava vigários. Perfeitamente explicável a grita inicial nos setores religiosos. O Casamento Civil, típica instituição republicana, foi considerado pela maioria católica de então como... "instituição demoníaca"!

Na sua implantação – como aconteceu nos EE.UU e na França – andou nossa REPÚBLICA obviamente insegura por muito tempo mas aos poucos foi, como toda instituição humana, se afirmando com os seus pecados e conquistas. As últimas conquistas republicanas estão aí para provar a continuidade de nossos avanços embora a caminhada de busca deva continuar sempre porque o ESTADO DEMOCRÁTICO é uma utopia constante, vale dizer, difícil mas absolutamente possível de ser alcançada.

Com o novo regime no Brasil instalado naquele final de século, um status político que a sociedade brasileira não conhecia: o ESTADO LAICO onde não existe RELIGIÃO OFICIAL. Tal imparcialidade não significa, em absoluto, desconhecer os valores espirituais e éticos de uma confissão religiosa e sim respeito à consciência de cada cidadão. Por isso mesmo, em nosso País, não mais se impôs à sociedade – considerando a consciência cidadã – comportamentos

derivados de determinada religião... **mesmo sendo ela estatisticamente maioria!**

Havendo conflitos éticos na sociedade de GOVERNO LAICO deverá ele promover debates entre idéias diferentes realimentando assim a "unidade na diversidade" como nos propõe o Conc. Ecumênico Vat. II através da Constituição Pastoral Gaudium et Spes nº 74 e 75.

Aliás, nisso reside a organização do ESTADO MODERNO que rejeita quaisquer imposições religiosas através de manipulações da opinião pública ou de meios massivos dominantes.

Por causa de nossa educação religiosa – em muitos setores até hoje ainda capenga como foi o início da República quando implantada entre nós – confunde-se muito ainda, mesmo 122 anos depois duas situações: ESTADO LAICO com ESTADO LAICIZADO. São coisas absolutamente diferentes! Vejamos.

No ESTADO LAICIZADO erradicam-se ditatorialmente as religiões como fez o Partido Comunista em 1917 na antiga URSS, hoje Rússia. Na época os soviets, inici-



aram, mas não conseguiram impor valores seculares e racionais de mais nada DEMOCRÁTICO Povo, mas iniciada a implantação naquela sociedade naquela sociedade nada valeram as imposições mencionadas porque o Brasil ainda estranho para nós so sempre foi profundo e religioso, bem ao exemplo- ao buscar sempre a do que dizia até bem pouca republicana desde aquele po atrás a propaganda bof madrugada de 15 de novembro de 1930 que em pleno séc.XXI em dices a respeito, quando essa vizinha, culta e muito na época... "combater o catolicismo na Argentina tenha ainmo". Entre nós por absoluta literalmente no art. 2º da sua Constituição- tal fato acontecia de forma semelhante também em outros países da América Latina- a seguinte redação: "El Gobierno Federal sostiene el culto católico apostólico romano".

Bom ressaltar que a LAICIZAÇÃO não passa

comportamento religioso às aves- sas, porque desrespeitador do mesmo religioso que existe no ser humano. Em qualquer tempo, em qualquer cultura e regime político.

O ESTADO LAICO assim – retornando agora à nossa REPÚBLICA – eleva cada cidadão ao patamar da dignidade e tal igualdade não invalida as particularidades de cada confissão religiosa, mas cora de cada uma delas o reconhecimento de tal igualdade também demais religiões. Nele do mesmo modo, oportunisa o cultivar uma cidadania participante, crítica e competente, pois, como

sabe o ESTADO LAICO por ser de mais nada DEMOCRÁTICO teatro onde cada peça deve ser constante e amplamente discutida e aprofundada.

Pode-se imaginar o nível de comprometimento mútuo existente naquele País- difícil seria acontecer diferente- entre a Igreja enquanto Instituição e o Estado argentino. Trata-se de uma contexto diplomático que o Vaticano terá de rever, aliás fato provocado pela Santa Sé no papado de Paulo VI. Foi proposta tal discussão, mas, o GOVERNO ARGENTINO não se interessou. Como se trata de uma posição que só poderá ser tomada bilateralmente- as chamadas CONCORDATAS- até hoje ficou no... dito pelo não dito.

Embora dolorido bom recordar aqui o total silêncio do Episcopado argentino- não seria por causa do comprometimento mútuo e constitucional IGREJA-ESTADO antes citado naquele País?- durante a brutalidade da ditadura militar que humilhou nossos vizinhos e nossa América Latina perante o mundo! Felizmente tempo depois o mesmo Episcopado, num gesto de humildade, confessou-se arrependido pela sua atitude pedindo perdão publicamente à sociedade argentina por sua omissão.

Diferente aconteceu no Brasil enquanto ESTADO LAICO, quando a CNBB peitou e criticou clara e frontalmente o Estado Brasileiro nos anos 60/70, que tinha na época como cartilha a Doutrina de Segurança Nacional promotora de

perseguições, prisões, torturas, censura e assassinatos assim como de desaparecimento de opositores durante aqueles famigerados "anos de chumbo".

Visto profeticamente à luz do agora, o ESTADO LAICO BRASILEIRO foi uma conquista para a Igreja que está no Brasil, motivo pelo qual, tantas vezes se explica o amadurecimento do laicato em nosso país, crescimento esse que se deve também à autonomia do nosso POVO sendo aos poucos conquistada há mais de século frente ao Poder, autonomia que nos faz permanecer sempre na busca de comunhão com Paulo quando escreveu à Igreja que estava em Éfeso: "Sim irmãos, vocês foram chamados para a liberdade". (Ef.5,13).

Quando comemorarmos este ano mais um aniversário da REPÚBLICA BRASILEIRA, interessante

**"O mais desastroso é os adultos não enxergarem que estão atrás do comportamento violento da criança. É mais fácil criminalizar a infância porque ela é mais frágil, não tem voz, voto, nem é capaz de se organizar socialmente."**

Rudá Ricci, in Tribuna de Minas, p. 1.  
Crime abrevia infância e põe sociedade à prova

**"A sociedade está com medo, e toda organização que tem medo torna-se agressiva e reage de forma perigosa."**

Celso Antunes, in Tribuna de Minas, p. 1.  
Crime abrevia infância e põe sociedade à prova

refletir em sua equipe-base seu meio a ação forte do Espírito Santo de Deus na História tanto do Brasil, ação sempre tricotada em linhas cruzadas diferentes por meio de nossas análises cheias de relações humanas não obstante as dificuldades.

Lembrar que nossa autonomia na busca de liberdade dentro da fraternidade entre os LAICOS de nosso País, foram promovidas e iniciadas por uma ironia e justamente por uma ironia anticerimonial – porque a Igreja Católica – mas, sempre com a vida, principal idealizadora de nosso ESTADO LAICO por todos os tempos e em cada vez mais, conquistado. Que o Senhor abençoe os idealizadores e lutadores da utopia da REPÚBLICA LAICA BRASILEIRA. Amém!

Itamar D. Bonfatti - MFC-Juiz de Fora

## O GRITO DA NORUEGA

Marina Silva\*

Visitei três vezes a Noruega. Em duas fui a trabalho, como ministra do Meio Ambiente, e, na última, tive a honra de receber o Prêmio Sofia. Já da primeira, impressionei-me com a ausência de poluição, que pude ver em três dimensões: nas ruas, com a simplicidade das pessoas; nas esferas de poder, como no austero gabinete do amigo Erik Solheim – que acabou de ser nomeado ministro – e, principalmente, na arte, em uma visita ao Museu Nacional, onde vi a obra "O Grito", de Edvard Munch.

Tão dura expressão do horror humano ante a fúria da natureza despertou-me um sentimento amargo de plenitude, no qual se combinavam medo e gratidão. Sensibilizada, expressei-me em versos: Mesmo sem voz é profética, mesmo sem rima é poética, mesmo sem forma é estética, mesmo em segredo revela-se".

Para mim, a arte permite conhecer algo mais elevado e profundo da condição humana – e agradeço a Deus por essas mensagens. Até o medo faz parte da plenitude.



O pavor que grita no quadro de Munch é o de um tempo em que não agredíamos tanto a natureza e, embora nos sentíssemos vulneráveis, talvez não o fôssemos tanto quanto hoje. O pavor que sentimos em relação à natureza talvez seja o que ela sente em relação a nós. Sou grata pelo aprendizado.

Magnífica a arte, de incensantes profecias, até quando ignoraremos o que seu olhar antecipa? Os noruegueses gritam pelo massacre ocorrido na semana passada. Todos gritamos, solidários na dor.

Como em Munch, o pavor de hoje foi antecipado em seu significado es-

sencial: talvez horror ainda maior do que a natureza nos causa quando nos enfrenta possa advir do cavalo de Tróia oculto em nós mesmos. O que tememos é algo terrível que subsiste na natureza humana, uma sabotagem contra a diversidade da cultura e da vida, que é a mais preciosa condição de sua continuidade sobre a Terra.

Sublime é o medo quando se torna um temor respeitoso de que esse laço, de pertencimento à natureza e unidade entre os seres humanos, possa se romper de vez.

O povo norueguês, que carrega sua simplicidade nesse tempo de delírio consumista, que apoia programas internacionais, inclusive no Bra-

sil, na defesa do ambiente e da biodiversidade, encontrará os de ressignificar o irreversível. Mas ainda de buscar força diante dos crimes e dos massacres que vivemos.

Talvez encontremos espelhas nas palavras Hannah Arendt, quem os homens "embora possam morrer, não nasceram para morrer, mas para recomeçar". Merecedores em nossa dor, acharemos o ponto onde ela se origina: ao nos separarmos da natureza a ponto de opormos a ela, separamo-nos de nós mesmos. Portanto, recomeçar.

Marina Silva, ex-senadora da República

Transcrito da Folha de São Paulo

## O escândalo bélico mundial

Mundialmente, os gastos militares alcançaram um nível sem precedentes em 2008, chegando a

1.

1 trilhão 464 bilhões de dólares americanos. Apenas 10% (dez por cento) do orçamento militar global seriam suficientes para alcançar completamente os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas (ODM). O compromisso de todos os países do mundo com a redução da pobreza extrema, a promoção da igualdade de gênero, da educação, saúde, sustentabilidade ambiental até o ano de 2015. As Igrejas precisam denunciar todos os dias este escândalo perverso e mortífero. Desocultar os interesses em jogo, revelar quem lucra e quem perde com as guerras.

## O papel dos pais na Educação para sociedade do amanhã

Sinézio Galvão\*

Há alguns milhões de anos, da simples vontade de Deus o universo começou a tomar forma, o céu encheu-se de pontilhos fulgentes e a terra tornou-se um berço fértil de vida. E quando tudo era, assim, belo e formoso, Deus disse: - Agora, "façamos o homem à nossa imagem e semelhança". E o homem **começou a ser feito**.

Em outras palavras, Deus não quis, Ele quer que, só por ser semelhante Sua, o homem seja quase perfeito, a ponto de tornar-se independente, construir sua história, procurando o bem, a beleza, a felicidade, vivendo "a arte do encontro" que a vida contém.

Mas, como "também existem desencontros pela vida" (V. Moraes), ele, perspicazmente, identifica a chave do grande segredo da boa convivência: a Educação. Então, para consubstanciar a tomou dos helenos a palavra "ETHOS" e dos romanos "MORES", para com elas (ética/moral) designar um conjunto de regras e valores aceitos pela maioria da sociedade que vão se tornando costumes devido à

obrigatoriedade do seu cumprimento geralmente manifestado na elaboração das leis" (M. Chauí).

Não fosse a ética como teria Jesus, o Cristo, transmitido a doce sedução do Pai, aos discípulos? Sem a ética, teria Gandhi convencido o povo pobre da Índia a vencer ricos e poderosos ingleses, armado da "ahimsa e satyagraha" (não violência e verdade)?

Portanto, para se **deixar fazer**, procurando o bem, a beleza e a felicidade, não será sem a ética, que o homem descobrirá, hoje, seu "PAPEL DE PAI/MÃE NA EDUCAÇÃO PARA A SOCIEDADE DO AMANHÃ". E para tanto imprescindível se faz que ele busque, a cada instante, e sempre mais, conhecer a si próprio. Aliás, Sócrates já o pedia!

Para nosso estudo de agora tomemos três pressupostos como ponto de partida:

"Vossos filhos não são vossos filhos. Eles vêm através de vós, mas não de vós. E embora vivam convosco, não vos pertencem. Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vosso pensamento. Podereis abrigar seus corpos, mas não suas almas..." (K. Gibran).

Assim, os filhos que Deus nos confiou devemos educá-los para trocarmos a convivência conosco pela do mundo e serem sujeitos da história.

Educar, não "é conduzir o processo de crescimento e de desenvolvimento dos nossos filhos, amorosamente, para que eles possam **DESENVOLVER MELHOR** seus poderes de ser "mais gente", "mais pessoa" e **APRENDAM A CONSTRUIR** sua vida e sua felicidade?

- Progredir, crescer, desenvolver é a lei da vida. O mundo evolui e tudo se transforma, logo, embora lutemos por sustentar os grandes valores da vida, não podemos repetir, hoje, os mesmos critérios ou métodos com os quais fomos educados (ou "educados").

A palmatória que simboliza o autoritarismo repressivo e até domesticou, inclusive, a criança com o critério do medo, pode ser ironizada por quem é substituída pela "carícia" (E. Berne em 1957, e R. Shinn). Quanto mais se fazemos descobertas, mais descobrimos o quanto éramos ignorantes.

Fala-se muito em "educar para o amanhã". Por que não para hoje? O grande alvo é a FAMÍLIA. Consistentemente, ela se vê no fogo cerceado diante de valores antigos e novos. Ante a queda de alguns e emergência de outros. E o que fazer? Defender a qualquer custo aquilo que é um valor para nós e não faz sentido para os filhos? Ou abrir mão, simplesmente, rendendo-nos ao modismo atual, deixando tudo por ironicamente, perguntamos: - Por que se virem?

Alguns dizem que estamos na Pós-Moderna. Será mesmo? Realizaram uma sessão solene para declarar que, com a máquina por, a ciência atingia seu ponto de avanço tecnológico (!). Perguntamos: - Por que se virem?

Bem, diante do que aqui se discute, podemos dizer que esta é a mesma em plena correria, onde não sabemos.

Nossa sociedade avança tanto e tão rapidamente, graças, evidentemente, aos

Afinal, temos um Papel de Pais para a Educação para a Sociedade do amanhã, a cumprir. Ou seja, estamos comprometidos. **Com - pro - me - ti - dos!**

Então, talvez esteja aqui uma excelente tangente: ensinar o comprometimento, a responsabilidade pelas escolhas que no momento histórico da vida fazemos, o uso da liberdade. Ninguém é livre sem ser responsável. Somos livres para garantir independência pela disciplina e nunca pela permissividade, irreverência, indi-

ferença, descompromisso, egoísmo. Individualidade sim, individualismo nunca!

Não vemos, portanto, outro caminho senão o da ÉTICA.

O mestre Jesus Cristo, que não se supera por nenhum pedagogo moderno, dá-nos o entendimento claro de que a sede da ação educativa é o coração. Não nos mandou sermos inteligentes como Ele, mas termos um coração como o Seu: manso, compassivo, providente, justo, humilde, solidário, transbordante de amor. Ele é a Verdade que se contrapõe às falácias e bravatas, trambiques e corrupções do mundo dito "moderno". É o Caminho num tempo em que o lucro orienta, aponta e age com a ótica de que "os fins justificam os meios". Ele é a Vida a nos pedir que " façamos aos outros o que gostaríamos que a nós, um dia, fosse feito", e mais, que " amemos os que nos odeiam, que falemos bem dos que nos perseguem, que sirvamos a quem não tem como nos servir" (Lc 6, 31ss). "Sem um senso de ética, a vida transforma-se numa guerra permanente, onde cada um tenta impor, dominar, vencer e subjugar o outro..." (L. Bassuma).

Vida sem Deus, é, realmente, vida?

É preciso que ensinemos o cultivo

da fé. Mas que a religião, seja ela qual for, tenha na sua doutrina uma base teocêntrica e conduza a gente à espiritualidade mais que à religiosidade.

Dalai Lama assimilando o que Jesus ensina (Mc 7,20ss), diz que "a religião se relaciona com a crença da salvação, enquanto a espiritualidade relaciona-se com as qualidades do espírito humano: amor, compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, humildade, contentamento, noção de responsabilidade e de harmonia".

Finalmente, já que o grande objetivo da verdadeira educação é apenas o Saber, mas principalmente a Ação, nossos filhos serão sempre mais saber e ação. RESILIÊNCIA a fim de sobrepujarem ao que há de vir, aí pela te. E não será outro recurso não a ÉTICA, que lhes dará para o soerguimento".

\* Sinézio Galvão tem C... Teologia em exte... UCSAL e... esposa pres... Seccional da EPB...

Não fique tão SÉRIO

#### AS DE MINEIRO

...do humano é único e deve ser objeto de descoberta permanente".  
...peragino, a caminho de um santuário, perre na casa de uma viúva deslumbrante.  
...meio da noite, a viúva o procura, completamente despida!  
...com medo de pecar, foge e vai confessar.

...diz-lhe:  
...para sua casa e coma 5 kg de CAPIM.  
...Padre, eu não sou um cavalo!  
...é burro!  
...meio deveria ter pecado e depois vindo  
...Aprende? Em Minas é assim... ..Uai

#### DEZ MINEIRA

...cumpadre de Uberaba tavam bem  
...egadim fumando seus respectivo  
...m de paia e proseano.  
...versa vai, conversa vem, eis que a certa  
...um deles pergunta pro outro:  
...cumpadre, u quê quicôcê acha desse negócio?

...que o outro respondeu: Acho bão, sô!  
...ficou assim, pensativo, meditativo...  
...guntou de novo:

...acha bão purcaus diquê, cumpadre?  
...É miô nudês do que nunosso, né mesmo?

#### ROMA

...fazendeiro do interior de Minas está  
...sua sala, proseando com um amigo,  
...do um menino passa correndo por ali.  
...chama: - Diploma, vai falar para sua avó  
...um cafêzinho aqui pra visita!

...amigo estranha:  
...que nome engraçado tem esse meni-  
...seu parente?  
...meu neto! Eu chamo ele assim porque  
...ela a minha filha estudar em Belzonte e  
...ficou com ele!

#### O EMPRESÁRIO E O MINEIRIM!

Num certo dia, um empresário viajava pelo interior de Minas.

Ao ver um peão tocando umas vacas, parou para lhe fazer algumas perguntas:

- Acha que você poderia me passar umas informações?

- Claro, sô!

- As vacas dão muito leite?

- Qual que o senhor quer saber: as maiáda ou as marrom?

- Pode ser as malhadas.

- Dá uns 12 litro por dia!

- E as marrons?

- Tamém uns 12 litro por dia!

O empresário pensou um pouco e logo tornou a perguntar:

- Elas comem o quê?

- Qual? As maiáda ou as marrom?

- Sei lá, pode ser as marrons!

- As marrom come pasto e sal.

- Hum! E as malhadas?

- Tamém come pasto e sal!

O empresário, sem conseguir esconder a irritação:

- Escuta aqui, meu amigo! Por quê toda vez que eu te pergunto alguma coisa sobre as vacas você me diz se quero saber das malhadas ou das marrons, sendo que é tudo a mesma resposta?

E o matuto responde:

- É que as maiáda são minha!

- E as marrons?

- Tamém!



## Cada família do MFC

# Assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, cumpadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.

**Assinatura anual: R\$ 32,00**  
(Trinta e dois Reais - 4 edições)  
Preço para o ano de 2011

## UMA ASSINATURA

fato e razão

Tel/Fax: (32) 3218-4238

E-mail: [livraria.mfc@gmail.com](mailto:livraria.mfc@gmail.com)

## DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO

Rua Barão de Santa Helena, 68  
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

## Os fundamentos filosóficos e as implicações sociológicas do conceito de SAÚDE

Jorge Leão\*

Inicialmente, precisamos afirmar que este conceito deve ser ligado ao campo holístico, pois não podemos admitir uma medicina que não pense uma antropologia filosófica, de fundo pitagórico, integral, admitindo a tríade corpo, mente e espírito. Infelizmente, grande parte dos médicos, ou melhor, dos técnicos em medicina (ser médico é outra coisa, pois implica no conhecimento de uma visão holística de ser humano, tal como propugnava Pitágoras e sua escola), desconhece a visão integrativa, o que impede de que hoje tenhamos uma abordagem natural da cura e das próprias doenças.

O propósito de compreender a saúde em sua relação direta com a cura pode parecer uma atividade pequena, quando se trata de encher o corpo de remédios que não vão a causa do problema, e pode parecer perda de tempo, para um sistema de doença que pensa cada vez mais em moldes paliativos. Por isso, é tão necessário hoje entender o corpo em sua relação de equilíbrio com a mente e com a dimensão espiritual, não como doutrina religiosa, mas como caminho de iniciação, o que parece um absurdo para quem vem de uma formação acadêmica com base no

tratamento analítico quantitativo, como faz a medicina tradicional, de caráter alopático.

A filosofia, enquanto espaço de busca radical por um modo para o pensar e o agir humano situa esta discussão no âmbito do processo de redimensionar o indivíduo, em sua relação com o mundo e com os outros, a dimensão da alteridade. Não se pode, de modo, hoje admitir um modelo da saúde desvinculado do movimento da educação, o que me leva a um dos graves equívocos das frentes de "saúde" e de "educação", tradicionalmente, os indivíduos não estão sujeitos ao longo da vida em nossa sociedade.

Em termos sociológicos, a quantidade de dinheiro que o erário precisa ser abordada a partir de uma política de ação planejada por grandes empresários ligados a indústria de uma compreensão preventiva dos remédios. Por isso trata-se de uma vez que os gastos públicos com o tema médico, pois de caráter anel mundial hoje retratam a falta de uma compreensão filosófica, sociológica e da medicina sintomática, alopática. Ter saúde não é apenas do sistema privado dos planos de saúde, mas ter saúde é, quando de sua "retomada" a mente equilibrada e um propósito de gerenciar os problemas da natureza e com os demais seres vivos. Ser saudável implica em admitir a unidade e o equilíbrio da

tão. Sabe-se que construir hospitais não toca na causa do problema, assim como construir presídios não elimina a ausência da verdadeira educação e a marginalização social imposta a grande parcela da população, excluída das condições necessárias para o desenvolvimento social de uma dignidade humana. Soa como cinismo público admitir que o efeito de uma política é combatido por um efeito anterior; ora, se a política não for atingida, outros efeitos mais bombásticos virão, certamente.

Assim ocorre com a saúde, se a frequência de nossos batimentos cardíacos não diz respeito à alimentação que temos e ao nível de vida irracional que levamos nas cidades poluídas que vivemos, pode-se prever a

natureza no corpo, para assim garantir que o espaço público seja também transparente e solidário. Talvez a maior dificuldade não seja hoje em administrar a saúde, mas de compreender a necessidade de mudança de hábitos, o que é uma experiência anterior e mais profunda. Precisamos primeiro saber nos alimentar, para depois filosofar. Esse é o resultado prático para aquele que abre a porta do mistério e se vê inundado pela luz azul da harmonia e da saúde. Precisamos de médicos que atuem de modo preventivo, como sábios ouvintes da voz sempre terna da natureza.

### QUESTÕES PARA REFLETIR:

Quando a saúde está em jogo, quem tem razão:

- O profissional, profissionalizado na ética dos números que o leva a atender mais em menos tempo para lucrar mais?

- O paciente, que busca a cura com qualidade de atendimento, a tempo de ser atendido e sem ser vítima de erro?

- As cooperativas de atendimento, que não devem ter fins lucrativos, mas lucram?

- Os sistemas públicos que administram, com extrema competência, a incompetência gerencial?

- Enfim, como VER, JULGAR E AGIR DE FORMA CIDADÃ NESTE CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO?

JORGE LEÃO – Professor de Filosofia. MFC-São Luís

# Os ricos não sofrem nem falam

Injustiça tributária vale para França e Brasil. Bilionários da 'Forbes' deveriam prestar atenção

Clóvis Rossi

**A**lô, alô, bilionários brasileiros na lista da revista Forbes: dêem uma olhadinha, por favor, no apelo de seus colegas da lista francesa da Forbes para que sejam devidamente tributados. Sigam o exemplo, porque a iniquidade tributária não é produto francês, mas universal, inclusive e principalmente nestes tristes trópicos,

Há abundantes dados para mostrar como é correta a decisão do governo francês de impor uma taxa "excepcional" aos ultra-ricos. Errado é fazê-la valer só uma vez, quando a iniquidade é permanente, não circunstancial. A decisão foi anunciada um dia depois de que as "vítimas" puseram a corda no próprio pescoço. Posto de outra forma, em vez de o governo identificar um problema e atacá-lo, esperou que os beneficiários da iniquidade vestissem a carapuça para só depois atuar. Vamos aos dados. A regra de ouro de qualquer sistema tributário é simples: quem mais paga mais. Muito bem: na França, os 0,1% dos mais ricos pa-



gam uma alíquota de imposto de renda de 20,5%. Já a fatia de menos de 0,01% ainda mais rico, paga apenas 0,01% (ou 0,001%) de ultra-ricos cobra apenas 15%.

É diferente no Brasil? Não, como prova estudo do Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) divulgado faz pouco mais de dois meses. Por ele, verifica-se que as favelas e estas ainda não pagam serviços públicos como água, esgoto e coleta de lixo", como disse Marcio Pochmann, presidente do Ipea, no lançamento do estudo.

Em números: os 10% mais ricos da população separam 32% de sua renda para pagar impostos diretos e indiretos. Para os 10% mais pobres, a participação é de 22,7%.

Esses dados ajudam a entender por que o topo da pirâmide se apropria de 75,4% da riqueza nacional. A decisão do governo francês, embora correta, peca por deixar de lado uma proposta (a de taxação dos movimentos financeiros), que vira e mexe entra na agenda internacional – e sai rapidamente porque os governos não têm coragem de enfrentar o que os argentinos chamam, apropriadamente, de "pátria financiera".

O inchaço dela é outra anomalia do capitalismo contemporâneo, ponto de ter capturado, nos últimos 10 anos, 41% de todos os lucros do setor privado norte-americano, conforme dados esgrimidos por Moisés Naím, agora colunista desta Folha, no tempo em que escrevia apenas para "El País".

Naím citou Simon Johnson, economista do Instituto Tecnológico de Massachusetts (EUA), que afirma que apenas seis conglomerados financeiros controlam ativos equivalentes a 60% da economia dos Estados Unidos.



Se valesse mesmo o critério lógico e óbvio de que quem ganha mais paga mais, o setor financeiro teria que dar uma contribuição forte para as arcas públicas, aliviando o sofrimento das classes médias, aposentados e funcionários públicos, que estão levando o peso maior do ajuste fiscal em curso em vários países da Europa.

Por falar em classe média, é ela que, no Brasil, suporta o maior peso impositivo, em termos absolutos, E fica tudo por isso mesmo.

Transcrito da Folha de São Paulo

*"Sô sei que nada sei."*

Sócrates

*"A sabedoria é filha da dor, e nasce com muitas lágrimas."*

Ésquilo

*"A sabedoria é filha da experiência."*

Leonardo da Vinci

# Reflexões sobre a Igreja

P. Henri Boulad, s.j.

O jesuíta egípcio mais destacado nos âmbitos eclesial e intelectual, Henri Boulad, lança um SOS à Igreja de hoje numa carta dirigida a Bento XVI. A missiva foi transmitida através da Nunciatura no Cairo. O texto circula nos meios eclesiais de todo o mundo.

"Santo Padre:

Atrevo-me a dirigir-me diretamente a Vós, pois o meu coração sangra ao ver o abismo no qual se está precipitando a nossa Igreja. Certamente desculpará a minha franqueza filial, inspirada na "liberdade dos filhos de Deus" à qual nos convida São Paulo, e pelo meu amor apaixonado pela Igreja.

Agradecer-lhe-ia também que saiba desculpar o tom alarmista desta carta, pois creio que "são menos cinco" e que a situação não pode esperar mais.

Permita-me em primeiro lugar apresentar-me. Jesuíta egípcio libanês de rito melquita, de 78 anos. Desde há três anos sou reitor do colégio dos jesuítas no Cairo, depois de ter desempenhado os seguintes



cargos: superior dos jesuítas em Alexandria, superior regional dos jesuítas do Egito, professor de teologia no Cairo, diretor de Catequese no Egito e vice-presidente de Caritas Internationalis para Oriente Médio e África do Norte.

Conheço muito bem a hierarquia católica do Egito por ter trabalhado durante muitos anos para as minhas intenções fundamentam-se suas reuniões como Presidente de reuniões superiores religiosos de institutos católicos universais e da sua situação atual, Egito. Tenho relações muito próximas com cada um deles, alguns dos quais são antigos alunos. Por outro lado, conheço pessoalmente o patriarca Chenouda III, a quem via com frequência. E quanto à hierarquia

católica de Europa, tive oportunidade de me encontrar pessoalmente muitas vezes com algum dos seus membros, como o cardeal Koenig, o cardeal Schönborn, o cardeal Martini, o cardeal Daneels, o Arcebispo de Viena, o bispo Kothgasser, os bispos diocesanos Kapellari e Küng, os outros bispos austríacos e outros bispos de outros países europeus. Esses encontros acontecem devido às suas viagens anuais para dar conferências pela Europa: Áustria, Alemanha, Suíça, Hungria, França, Bélgica... Nestas viagens dirijo-me a seminários, auditórios muito diferentes e aos meios de comunicação (periódicos, rádios, televisão...). Faço o mesmo no Egito e no Oriente Próximo.

Visitei cerca de cinquenta países nos quatro continentes e publiquei mais de 30 livros em 15 línguas, sobre o Egito em francês, árabe, húngaro e alemão. Dos 13 livros nesta língua, eu tenho "Gottessöhne, Gotteskinder" [Filhos, Filhas de Deus], que me fez chegar pelo seu amigo o P. Erich Fink de Baviera.

Não digo isto para presumir, mas para lhe dizer simplesmente que as minhas intenções fundamentam-se num conhecimento real da Igreja e da sua situação atual, Egito. Tenho relações muito próximas com cada um deles, alguns dos quais são antigos alunos. Por outro lado, conheço pessoalmente o patriarca Chenouda III, a quem via com frequência. E quanto à hierarquia

Volto ao motivo desta carta, intentarei ser breve, claro e o mais objetivo possível. Em primeiro lugar,

umas quantas constatações (a lista não é exaustiva):

1. A prática religiosa diminui constantemente. As igrejas são frequentadas por pessoas cada vez mais idosas que vão desaparecer num prazo bastante curto.

2. Os seminários e os noviciados esvaziam-se de dia para dia e as vocações desaparecem a um ritmo assustador. O futuro apresenta-se sombrio e não vemos quem virá atrás de nós para melhorar a situação.

3. Muitos padres deixam o exercício sacerdotal e o pequeno número dos que vão ficando, cuja idade frequentemente ultrapassa a da reforma, são obrigados a assumir o encargo de várias paróquias, fazendo-o de uma maneira apressada e administrativa.

4. A linguagem da Igreja é anacrônica, aborrecedora, repetitiva, moralizadora e completamente inadaptada à nossa época. Não pretendo afirmar que se deve dizer sim a tudo nem adotar uma atitude demagoga, pois a mensagem do Evangelho deve apresentar-se com toda a sua exigência e significado. O importante é começar a "nova evangelização" de que falava João Paulo II. E, ao contrário do que muitos pensam, ela não consiste na repetição de tudo o que é antigo e que não interessa a quase ninguém,

mas na invenção duma nova maneira de proclamar a fé aos homens do nosso tempo.

5. Para o conseguir, é urgente uma renovação profunda da teologia e da catequese que devem ser completamente repensadas e reformuladas. Infelizmente, temos de constatar que a nossa fé é demasiado cerebral, abstrata, dogmática e que fala bem pouco ao coração e ao corpo.

6. A consequência é que uma grande parte dos cristãos foram bater à porta das religiões asiáticas, das seitas, da "new age", do espiritismo, das igrejas evangélicas ou de outras parecidas. Ficamos admirados? Eles buscam noutro lado o alimento que não encontram entre nós, pois têm a impressão que em vez de pão lhes oferecemos pedras.

7. No que respeita à moral e à ética, as imposições do magistério sobre o casamento, a contracepção, o aborto, a eutanásia, a homossexualidade, o casamento dos padres, os divorciados casados de novo, etc., já não interessam a quase ninguém e provocam nas pessoas cansaço e indiferença.

8. A Igreja católica que, durante séculos, foi a grande educadora na Europa, esquece que esta Europa se tornou adulta e intelectualmente madura, recusando ser tratada

como uma criança que ainda não atingiu a idade do uso da razão. As maneiras paternalistas duma "Mater et Magistra" passaram de moda e são rejeitadas pela época.

9. As nações que outrora foram as mais católicas deram uma volta de 180 graus, caindo no anticlericalismo, no ateísmo, na indiferença...

10. O diálogo com as outras religiões e com as religiões tem recuado. O gresso constatado durante muitos anos está atualmente muito comprometido.

Perante tais constatações, a situação da Igreja é dupla:

- Ou considera sem importância a gravidade da situação e se contenta com as conquistas no campo tradicional ou nos países pobres ou a caminho de um certo desenvolvimento e progresso.

- Ou invoca a confiança no Senhor que a socorreu em muitas outras crises durante 20 séculos e vai continuar a ajudá-la também neste momento difícil.

A isso eu respondo:

- Para resolver os problemas de hoje e de amanhã, não basta olhar-se no passado nem apoiar-se em amostras sem fundamento sério.

- A aparente vitalidade da Igreja nos continentes em vias de desenvolvimento é falaciosa. Mais tarde, essas novas igrejas passarão pelas mesmas crises vividas pelo atual cristianismo europeu.

- A modernidade é incontornável. A Igreja ter esquecido isto hoje por uma tal crise.

- Por que razão continuar uma política como um jogo da cabra? Até quando recusar ver as coisas como elas são? Porque é que temos de tentar salvar as aparências, uma fachada que hoje não consegue convencer ninguém? Até quando continuar nesta teimosia, nesta crispação de recusar todas as críticas, em vez de ver nelas uma ocasião de se renovar? Até quando vamos adiar uma reforma que se impõe imperativamente e que já conquistamos no campo tradicional ou nos países pobres ou a caminho de um certo desenvolvimento e progresso?

- Repito o que disse no princípio: é pouco o tempo que nos fica. A história não fica à nossa espera, sobretudo numa altura em que o ritmo se acelera e tudo anda tão depressa.

- Qualquer empresa comercial, ao constatar prejuízos ou um mau funcionamento, põe-se imediatamente em questão, convoca peritos, tenta recuperar, mobiliza todas as suas energias para se transformar radicalmente.

- E a Igreja? Quando pensa ela mobilizar todas as suas forças vivas para uma transformação integral? Vai ela continuar dominada pela preguiça, covardia, medo, orgulho, falta de imaginação e criatividade, por um quietismo culpável, convencida de que Deus tudo vai arranjar e de que a situação atual acabará por ser ultrapassada como já o foram outras situações, talvez piores, no passado?

O que se pode então fazer: A Igreja precisa de três reformas urgentes:

- Uma reforma da sua teologia e da sua catequese, repensando completamente a fé e reformulando-a de uma maneira coerente e compreensível para a sociedade contemporânea.

- Uma reforma da sua pastoral, abandonando as estruturas herdadas do passado.

- Uma reforma da sua espiritualidade, inventando outra mística e concebendo os sacramentos de outra maneira, para os encarnar na existência atual e adaptar à vida do homem de hoje. A Igreja é formalista demais. Temos a impressão de que a instituição abafa o seu carisma e de que, para ela, o importante é, ao fim de contas, a estabilidade exterior, superficial, aparente. Corremos mesmo o risco de que Jesus, um dia, nos trate "de sepulcros caiados".

Para terminar, gostaria que houvesse em toda a Igreja um sínodo geral com a participação de todos os cristãos, católicos e não só, para analisar franca e abertamente todos os aspectos de que lhe falei e outros que poderiam ser sugeridos. Esse sínodo (evitemos a palavra concílio) duraria 3 anos e seria concluído por uma assembléia geral que faria um resumo de todos os resultados e elaboraria as conclusões.

Termino, Santo Padre, pedindo-lhe para me perdoar tanta franqueza e audácia e solicitando a sua bênção paternal.

P. Henri Boulad, s.j.  
henriboulad@yahoo.com

#### • Utilidade Pública

O bem bolado **Programa de Aquisição de Alimentos** deverá ser mantido e aperfeiçoado no novo governo. O programa atinge cerca de 2.300 municípios brasileiros, com 3 milhões de toneladas de alimentos de 160 mil pequenos agricultores distribuídos para 15 milhões de pessoas. Ao todo, 25 instituições participam do projeto. É um programa que mexe com a sociedade com o pequeno produtor, e garante que alimento de boa qualidade chegue à casa das pessoas. E mais ainda, paga ao pequeno produtor um preço melhor do que aquele que o mercado oferece.

O Programa de Aquisição de Alimentos foi instituído em 2003, coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, e pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, em parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e com governos estaduais e municipais.

Para participar do projeto, o agricultor deve ser identificado como agricultor familiar, enquadrando-se no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Informe-se na prefeitura da sua cidade como você poderá se inscrever nesse programa.

#### QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1ª) Que relação de importância deve existir, a seu ver, entre a DEMOGRAFIA, RELIGIÃO e a vida cotidiana? Como você justificaria sua resposta?

2ª) Discutir os agradáveis aspectos da materialidade X as exigências da espiritualidade religiosa. No contexto, o que é realmente o crônico: - Será a linguagem da comunicação de massa centrada na mercantilização mercadológica da vida humana? Por que?

3ª) O que mudar: - A Igreja no Mundo?

## SIM AO DESARMAMENTO



As pessoas participaram da Marcha contra a Impunidade na praia de Copacabana, organizada pela ONG Rio de Paz. Foram 30 mil mortes violentas ocorridas no estado do Rio de Janeiro somente no período de 2007 a 2011. Parentes e amigos de vítimas depositaram três mil rosas vermelhas na areia e uma grande cruz em sinal de luto, correspondentes a 10% dos assassinatos ocorridos nesse período.

Ademais é muito triste lembrar que nos últimos dez anos, 60 mil homicídios ocorreram em nosso estado. Uma guerra silenciosa e fratricida. A respeito da representatividade do referendo, em minhas aulas de ética e filosofia política alerto os meus alunos dizendo: "Nem sempre a verdade, o bom senso e as sábias decisões estão do lado da maioria quantitativa".

É muito instrutiva a leitura da melhor avaliação sociológica do Referendo em questão, realizada

pelo ISER (Ver N° 62 – 2006, 127 p.). Recomendo também a leitura da reportagem publicada na revista Megazine de O Globo de 12/7/11 denunciando que 79,5% dos homicídios de jovens no país são praticados com armas de fogo. É preciso pois reduzir “a cultura da arma de fogo” na sociedade, alimentada por todos os lados, sejam filmes videogames ou o próprio esporte do tiro. Deve haver uma campanha permanente, e não apenas nos grandes momentos de comoção, como o caso da escola de Realengo no Rio de Janeiro ou, pior ainda, a matança em Oslo, na Noruega. Em conclusão, citarei um texto da Campanha do SIM: “Como cristãos, temos de fazer o máximo para eliminar as armas de nosso país. (...) Nosso sonho é que o metal das armas seja derretido e transformado em arados e enxadas para os novos moradores do campo” ISER, p.121).

Alino Lorenzon e Agnès Delobel  
Lorenzon, do MFC e  
do INFA do Rio de Janeiro.

*“Para adquirir conhecimento, é preciso estudar; mas para adquirir sabedoria, é preciso observar.”*

Marilyn vos Savant

*“Noventa por cento da sabedoria é reconhecimento. Encontre a mão de alguém e a aperte, enquanto há tempo.”*

Dale Dauten

Prezados Alino e Agnès Lorenzon,  
A Equipe Editorial de Fato & Razão agradece, sensibilizada pelo e-mail datado de 02.08.11.

Entendemos a preocupação dos leitores e aproveitamos para dizer que:

1º) Fato & Razão, mais do que uma simples revista de caráter informativo, é um espaço aberto à crítica séria que passa pela manifestação de preocupações. Ocorreram com as evidências e correspondência de vocês e algumas outras que recebemos. O próprio Mestre cionadas aos mais diversos tempos. Triste para nós seria não estar em canal vivo e atuante de comunicação com nossos leitores.

2º) Não podemos, entretanto, abrir mão do princípio segundo o qual a formação de uma cidadã se fundamenta na pluralidade democrática de opiniões. Por isso, dentro do mesmo princípio, estamos publicando neste espaço, qual a formação de uma cidadã se fundamenta na pluralidade democrática de opiniões. Quem se caracterizou pela insistência em valorizar os “sinais dos tempos” foi o Papa João 23. Com ro matérias diametralmente opostas àquela censurada por vocês, conseguimos despertar o povo para a coragem e confiança em Deus, apresentar o clima favorável às grandes propostas que o Concílio iria fazer para a renovação da Igreja.

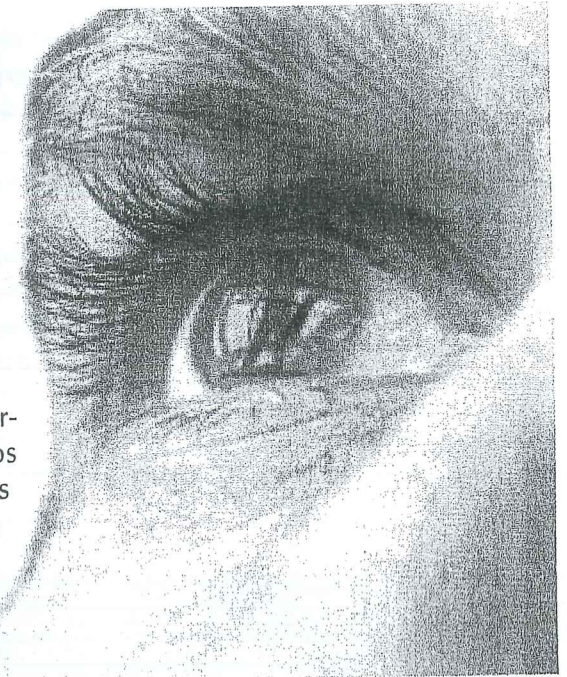
## SINAIS DOS TEMPOS

Dom Demétrio Valentini\*

Vem de longe a advertência para estarmos atentos aos sinais dos tempos. O próprio Mestre interpelava o povo, que mostrava capaz de fazer a “previsão do tempo”, mas se dava conta dos “sinais do tempo”, como lembram as liturgias do Advento.

Quem se caracterizou pela insistência em valorizar os “sinais dos tempos” foi o Papa João 23. Com ro matérias diametralmente opostas àquela censurada por vocês, conseguimos despertar o povo para a coragem e confiança em Deus, apresentar o clima favorável às grandes propostas que o Concílio iria fazer para a renovação da Igreja.

Agora, parece que se arma de novo o tempo. Há sintomas de transformações profundas em curso. Precisamos estar atentos para entender o que está se passando, para não sermos surpreendidos por acontecimentos que não estavam em nossos cálculos.



A própria natureza parece emitir sinais de alerta cada dia mais claros e insistentes. Neste contexto chegou em boa hora a Campanha da Fraternidade para ecoar as contorções da natureza que “geme em dores de parto”, como diz São Paulo em sua carta aos Romanos, frase que serviu de lema para a Campanha.

O sistema econômico mundial, apesar de todo o seu cuidado em tranquilizar os mercados, para o bom funcionamento dos negócios, não consegue disfarçar os temores da reincidência nos mesmos sintomas de crise que já deixou muita gente na miséria. O desafio maior, na interpretação verdadeira dos sinais dos tempos,

é compreender a causa dos fatos que acabam acontecendo.

Eles nos surpreendem porque não entendemos o que está na sua raiz. As mudanças religiosas costumam ser as mais inquietantes, porque mexem com costumes arraigados na cultura do povo.

Nestes dias apreciamos um cenário pelo menos curioso. Ao mesmo tempo em que os novos cardeais desfilavam suas reluzentes vestimentas vermelhas, o Papa falava da camisinha, enquanto era anunciado o novo sínodo para 2012 sobre a Nova Evangelização e a transmissão da fé cristã. Aí dá para identificar sinais de tempos passados, que se revestem do seu anacronismo, pelo qual, às avessas, também podem apontar para o futuro.

Em todo o caso, no meio deste cenário, é legítimo se perguntar para onde caminha a Igreja, que sinais nos falam do seu futuro. Ao anunciar o tema do próximo sínodo, é possível decifrar a angústia da Igreja diante de sintomas preocupantes.

Em recente pesquisa feita na França, tomando a população dos dezoito aos trinta anos, só três por cento dizem ter uma vinculação religiosa clara. Na idade crucial para

a definição da vida, noventa e por cento dos jovens franceses levam em conta a religião.

Este é um evidente sinal dos tempos, que está na base da preparação do próximo sínodo. Que está fazendo com o Evangelho de hoje, que já não motiva mais os jovens a tomá-lo como referência para sua vida? Não é por acaso que no próximo sínodo vai falar da "missão da fé". Este assunto vai trazer melhor a angústia da Igreja, que não conta com a força da tradição para transmitir a fé.

A própria cultura se empenha de transmitir às novas gerações os valores evangélicos. Mas a cultura não serve mais como veículo para transportar a mensagem da Igreja precisa encontrar novos meios. De um momento para outro, países que tinham forte tradição de baluartes do Evangelho, hoje são hostis a ele, ou simplesmente o ignoram. Não querem, em todo o caso, assumir nenhuma identificação com qualquer pressão religiosa.

É sintomática a insistência da comunidade europeia em não reconhecer, na sua constituição, nenhuma referência às "raízes cristãs da cultura europeia". Vivemos um tempo que caminha para a separação entre a esfera religiosa e a sociedade civil.

Isto pode ser muito bom para uma nova evangelização, que já não vai mais contar com a bengala do favorecimento estatal para convencer as consciências para aderirem à fé. Isto aumenta o desafio de interpretar corretamente os sinais dos tempos, que nos alertam para as mudanças profundas que vem chegando.

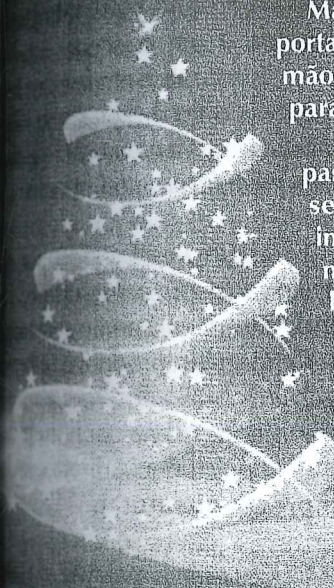
\* Dom Demétrio Valentini  
é bispo católico

Questões para refletir:

1ª) Segundo o texto, foi o Papa João XXIII que conseguiu despertar o povo para as grandes propostas que o Concílio faria para a renovação da Igreja. – Sendo ou não cristão, você as conhece? Você acha possível VER, JULGAR, AGIR, CELEBRAR E AVALIAR sem conhecê-las? Por que?

2ª) Em nosso tempo, a vivência de religiosidade está carente de espiritualidade? Qual deve ser o papel do(a) religioso(a) e do(a) leigo(a) em vista da importância da ação missionária, evangelizadora e profética em sociedade?

## Natal



Se na noite de NATAL baterem à sua porta, cuidado,

Se tens muito amor ao teu bem estar e não queres te incomodar, não abras a porta.

Mas se deixares entrar quem bateu à tua porta... não lhe olhes a mão rasgada pois tua mão ficará também rasgada deixando correr para a mão do pobre a tua riqueza.

Não lhe olhes os seus olhos tristes pois passarás a ver o pai de família sem emprego, sem casa para morar e na rua a menina impúbere procurando os devassos, o menino que mata e morre, a solitária moça de bolsinha, o velho no frio do abandono, filhos e pais desunidos e até se odiando.

Cuidado porque falará:

- Eu sou todos estes desventurados e mil outros há que esperam teus gestos de amor em meu nome.

Mas se o deixares entrar e o ouvires, ele se sentará à tua mesa e dirá:

- A PAZ ESTEJA NESTA CASA.

Texto de José Sollero e Iya, um dos casais fundadores do MFC-Brasil, publicado na AGENDA MFC 2001

# Crise terminal do capitalismo

Já nos meados do século XIX Karl Marx escreveu profeticamente que a tendência do capital ia na direção de destruir as duas fontes de sua riqueza e reprodução: a natureza e o trabalho. É o que está ocorrendo. A capacidade de o capitalismo adaptar-se a qualquer circunstância chegou ao fim.

Leonardo Boff\*

**T**enho sustentado que a crise atual do capitalismo é mais que conjuntural e estrutural. É terminal. Chegou ao fim o gênio do capitalismo de sempre adaptar-se a qualquer circunstância. Estou consciente de que são poucos que representam esta tese. No entanto, duas razões me levam a esta interpretação.

A primeira é a seguinte: a crise é terminal porque todos nós, mas particularmente, o capitalismo, encostamos nos limites da Terra. Ocupamos, depredando, todo o planeta, desfazendo seu sutil equilíbrio e exaurindo excessivamente seus bens e serviços a ponto de ele não conseguir, sozinho, repor o que lhes foi sequestrado. Já nos meados do século XIX Karl Marx escreveu profeticamente que a tendência do capital ia na direção de destruir as duas fontes de sua riqueza e reprodução: a natureza e o trabalho. É o que está ocorrendo.



tendendo a um crescente aumento do desemprego global. A comunicação, resistem, se rebelam de Marx. Como o capitalismo ameaça a ordem vigente. Mais e reproduzir sem a natureza? Desemprego, especialmente jovens, a cara num limite intransponível.

O trabalho está sendo precarizado ou prescindido. A grande desenvolvimento sem trabalho e o rentismo dos capitais. O aparelho produtivo que circulam de bol-tizado e robotizado produz absolutamente nada a não lho. A consequência direta é o aumento do dinheiro para seus rentistas. semprego estrutural.

Milhões nunca mais vão trabalhar. O mundo do trabalho, sequestrado: ao exigir dos trabalhadores exército de reserva. O trabalho na formação técnica cada vez mais dependência do capital, para manter a atual situação.

A natureza, se encontra com a dívida com bancos e com o grave estresse, sistema financeiro. Marx tem razão: nunca esteve antes o trabalho explorado já não é mais menos no último momento de riqueza. É a máquina.

lo, abstraindo as grandes dizimações. A segunda razão está ligada à crise conheceu em sua história a humanidade que o capitalismo está de mais de quatro mil anos. Antes se restringia aos países periféricos. Hoje é global e atin-tos extremos verticais nos países centrais. Não se pode em todas as regiões resolver a questão econômica des-mudanças climáticas afetando a sociedade. As vítimas, afetadas por novas avenidas de

dependência. Na Espanha o desemprego atinge 20% no geral e 40% entre os jovens. Em Portugal 12% no geral e 30% entre os jovens. Isso significa uma grave crise social, assolando neste momento a Grécia. Sacrificando toda uma sociedade em nome de uma economia, feita não para atender as demandas humanas, mas para pagar a dívida com bancos e com o sistema financeiro. Marx tem razão: nunca esteve antes o trabalho explorado já não é mais menos no último momento de riqueza. É a máquina.

A segunda razão está ligada à crise conheceu em sua história a humanidade que o capitalismo está de mais de quatro mil anos. Antes se restringia aos países periféricos. Hoje é global e atin-tos extremos verticais nos países centrais. Não se pode em todas as regiões resolver a questão econômica des-mudanças climáticas afetando a sociedade. As vítimas, afetadas por novas avenidas de

da economia política capitalista: a precarização das finanças que via mercaprecarizado ou prescindido. A grande desenvolvimento sem trabalho e o rentismo dos capitais. O aparelho produtivo que circulam de bol-tizado e robotizado produz absolutamente nada a não lho. A consequência direta é o aumento do dinheiro para seus rentistas. semprego estrutural.

Mas foi o próprio sistema do capi-tal que criou o veneno que o pode destruir: ao exigir dos trabalhadores uma formação técnica cada vez mais dependência do capital, para manter a atual situação.

cimento acelerado e de maior competitividade, involuntariamente criou pessoas que pensam. Estas, lentamente, vão descobrindo a perversidade do sistema que esfola as pessoas em nome da acumulação meramente material, que se mostra sem coração ao exigir mais e mais eficiência a ponto de levar os trabalhadores ao estresse profundo, ao desespero e, não raro, ao suicídio, como ocorre em vários países e também no Brasil.

As ruas de vários países europeus e árabes, os "indignados" que enchem as praças de Espanha e da Grécia são manifestação de revolta contra o sistema político vigente a reboque do mercado e da lógica do capital. Os jovens espanhóis gritam: "não é crise, é ladroagem". Os ladrões estão refestelados em Wall Street, no FMI e no Banco Central Europeu, quer dizer, são os sumossacerdotes do capital globalizado e explorador.

Ao agravar-se a crise, crescerão as multidões, pelo mundo afora, que não aguentam mais as consequências da superexploração de suas vidas e da vida da Terra e se rebelam contra este sistema econômico que faz o que bem entende e que agora agoniza, não por envelhecimento, mas por força do veneno e das contradições que criou, castigando a Mãe Terra e penalizando a vida de seus filhos e filhas.

\* Leonardo Boff, teólogo.  
Publicado em Carta Maior  
(www.cartamaior.com.br)

## FACULDADE DE MEDICINA DO ABC-SP

A Equipe de Oncologia da Faculdade de Medicina do ABC informa que, além do tratamento de todos os casos oncológicos inteiramente grátis, estão com protocolo novo para câncer de pulmão e mama, com novos medicamentos que ainda não estão disponíveis no mercado e que estão dando uma nova perspectiva no tratamento destas duas neoplasias.

Caso vocês conheçam alguém que tenha um destes dois tipos de tumores e queiram fazer o uso deste novo protocolo, poderão indicar esta equipe, pois o tratamento, além de ser gratuito e inédito, faz parte de projeto multicêntrico mundial.

**Endereço: Centro de Pesquisa em Oncologia**

Av. Príncipe de Gales, 821 - anexo 3 - Oncologia.

Santo André SP (Prédio da Faculdade)

**Fone: (11) 4993.5491**

Marcar consulta que logo será agendada. Só quem enfrenta problemas semelhantes sabe a importância de uma opção nova, uma esperança nova.

***Vera Lúcia S. Cunha***

Secretária da Pós-Graduação de Pneumologia